

CARLOS JOÃO RADEMAKER (1828-1885):  
PERCURSO DO RESTAURADOR DA COMPANHIA  
DE JESUS EM PORTUGAL \*

NUNO OLAIO

*Duris ut ilex tunsa bipennibus  
Nigrae feraci frondis in Algido  
Per damna, per caedes ab ipso  
Ducit opes animumque ferro.*

HORÁCIO<sup>1</sup>

## I. Introdução

O percurso do jesuíta Carlos João Rademaker é um importante testemunho para a compreensão do combate ideológico e político travado desde meados do século XIX, em torno da questão religiosa. Restaurador da Companhia de Jesus em Portugal, Rademaker assistiu e participou na luta travada entre a Igreja Católica e o Estado liberal, pela autonomia e liberdade da Igreja dentro de uma nova matriz política.

Em torno da Igreja reúnem-se várias sensibilidades de resistência, que desenvolveram uma cultura de reacção face ao Estado liberal. O *legitimismo ultramontano* manifesta-se em jornais como o *Bem Público*, enquanto que o seu congénere político, o *miguelismo*, utiliza o bem conhecido periódico *A Nação*. Pelo outro lado, a herança regalista é interpretada pelos liberais de diversos matizes: os liberais moderados recebem a herança da revolução

---

\* Gostaria de agradecer os enriquecedores contributos e sugestões realizados para este trabalho pelo Dr. António Matos Ferreira no decurso das nossas conversas. Quero ainda agradecer o apoio e estímulo prestado pelo Dr. Bruno Cardoso Reis e Dr. Gilberto Pereira.

<sup>1</sup> (Como o carvalho atacado pelo machado / Nas negras florestas do Álgido / Através de perdas e desastres / Recebe do próprio ferro mais força e mais vida.), transcrição do latim, *Apud*, LACOUTURE, Jean, *Os Jesuítas*, 2º vol., Lisboa, Editorial Estampa, 1993, p. 15.

francesa, o sufrágio universal, a ideia de Estado, no entanto o catolicismo permanece como o elemento estruturador das suas crenças e acções. Encontramos como órgãos veiculadores destas ideias *O Nacional* e a *Esperança*. Observa-se ainda uma outra corrente no seio do liberalismo oitocentista, que recebendo a mesma herança ideológica, advinda do racionalismo revolucionário, opera um corte radical com os valores e estruturas do passado, valorizando um paradigma positivista assente na crença do progresso em detrimento das referências morais e escatológicas do catolicismo. Periódicos como *O Português* e o *Jornal do Comércio* reproduzem algum deste pensamento, assumindo uma postura de denúncia e combate aos malefícios que o clero provocava no seio da sociedade portuguesa, nomeadamente a nível educativo, assistencial e religioso. Não era ainda esquecida a relação que a Igreja em Portugal tivera com o governo de D. Miguel, facto lembrado no Parlamento e pela imprensa, junto da opinião pública.

Carlos João Rademaker, missionário, orador brilhante e incansável defensor da Igreja Católica e do poder pontifício, devotou a vida ao combate pela manutenção da autonomia da Igreja dentro do Estado liberal. A maior parte dos trabalhos existentes sobre Rademaker desenvolvem uma perspectiva confessional da sua vida e obra. A primeira biografia sobre Carlos Rademaker deve-se a um antigo oficial do exército, Júlio Augusto Pires<sup>2</sup>. A obra, publicada em 1866, abrange a vida do jesuíta até aquela data, reproduzindo um discurso laudatório, recolhendo os elementos bibliográficos e até alguns biográficos no *Dicionário* de Inocêncio<sup>3</sup>. O presente trabalho faz ainda referência a alguns dos sermões do jesuíta.

A seguinte obra é da autoria de um antigo jesuíta, o jornalista Manuel Borges Graíña<sup>4</sup>. De simpatias republicanas, Borges Graíña dedica vários trabalhos à denúncia da Companhia de Jesus. A biografia de Carlos Rademaker encontra-se no prólogo da obra *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em Latim pelos Padres do mesmo Colégio onde foi encontrado o Manuscrito*, nesta, descreve sucintamente a vida de Carlos Rademaker, se bem que com algumas incorrecções relativamente a datas e nomes.

---

<sup>2</sup> Júlio Augusto PIRES, *Carlos João Rademaker. Esboço Biográfico*, col. Os Contemporâneos, nº 8, Lisboa, 1866-1867.

<sup>3</sup> Inocêncio Francisco da SILVA, *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, T. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, pp. 32-33.

<sup>4</sup> Manuel Borges GRAÍÑA, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em Latim pelos Padres do mesmo Colégio onde foi encontrado o Manuscrito*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.

Os seguintes trabalhos realizados sobre a vida de Carlos Rademaker encontram-se mais completos. O primeiro é da autoria do P. Joaquim Campo Santo, publicado numa rubrica que assina na revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* intitulada «Discípulos do Coração de Jesus – Padre Carlos Rademaker»<sup>5</sup>. A publicação da biografia é repartida por três anos, de 1901 a 1903, recolhendo o autor vasta documentação sobre Carlos Rademaker – teve acesso aos seus papéis, completando essa informação com documentos recolhidos nos arquivos da Companhia, referentes ao período da restauração da Companhia em Portugal<sup>6</sup>. O texto apresenta um tom confessional, está-se a escrever a história de um homem grande da Companhia – o seu restaurador.

Por ocasião do centenário do nascimento de Carlos João Rademaker, em 1928, surgem vários trabalhos evocativos da sua vida. É publicada a sua *Autobiografia* na revista *O Apóstolo*<sup>7</sup>, enquanto que na revista *Brotéria* surgia um artigo do padre A. P. de Carvalho<sup>8</sup>. O primeiro trabalho resulta de um conjunto de apontamentos, registando os principais eventos da sua vida, enquanto que o artigo assume a forma de biografia, expressando os comentários do seu autor o peso histórico dos acontecimentos subsequentes à expulsão dos jesuítas de Portugal em 1910.

Com a excepção de pequenos esforços biográficos saídos em enciclopédias<sup>9</sup>, a última biografia escrita sobre Rademaker, é da autoria do sacerdote jesuíta Ambrósio de Pina. A obra é publicada no Porto em 1967 pelo Apostolado da Oração<sup>10</sup>. O autor conhece os trabalhos realizados

<sup>5</sup> SANTO, Joaquim Campo, «Padre Carlos Rademaker», in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 21, Lisboa, 1901, p. 278 e ss.; vol. 22, 1902, p. 28 e ss., vol. 23, 1903, p. 30 e ss.

<sup>6</sup> O P. Joaquim Campo Santo deixa no entanto a biografia incompleta, terminando-a inexplicavelmente no ano de 1861. Esta biografia foi enriquecida com documentação transcrita dos apontamentos do próprio Rademaker e correspondência trocada entre ele e os seus correligionários.

<sup>7</sup> «Autobiografia», in *o Apóstolo*, Póvoa de Varzim, 1928, pp. 262-275.

<sup>8</sup> A. P. de CARVALHO, «O P. Carlos João Rademaker da Companhia de Jesus», in *Brotéria*, vol. VII, fasc. II, Agosto de 1928, pp. 86-98.

<sup>9</sup> Cf. Maximiano LEMOS «Padre Carlos João Rademaker», in *Encyclopedia Portuguesa Illustrada. Dicionário Universal*, vol. 9, Porto, Lemos & C<sup>a</sup>, Sucessores, s.d., p. 203; «Rademaker, João Carlos», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 24, Lisboa e Rio de Janeiro, s.d., pp. 210-212; Domingos Maurício Gomes dos SANTOS, «Rademaker, João Carlos», in *Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. 15, col. 1677-1678, s.d. Este último autor foi redactor da revista *Brotéria*.

<sup>10</sup> Ambrósio PINA, *Carlos Rademaker, 1828-1885. Restaurador dos Jesuítas em Portugal no Século XIX*, Porto, 1967.

anteriormente. Procede a uma pesquisa de fontes documentais nos arquivos da Companhia, recolhendo mais informação para além daquela que é facultada nas anteriores biografias e nos apontamentos do próprio Rademaker. Há um esforço por parte do autor em contextualizar os acontecimentos mais relevantes, nota-se contudo, que este esforço tende facilmente a cair numa apreciação subjectiva da questão religiosa. Outras obras nomeiam a figura ou aludem ao trabalho de Carlos Rademaker dentro da historiografia católica (Histórias da Companhia, dos colégios que fundou ou ajudou a criar) e na historiografia anticlerical da época <sup>11</sup>. Neste estudo pretende-se traçar o percurso de Carlos Rademaker, cotejar e corrigir algumas informações publicadas sobre a sua vida, e apresentar alguns aspectos da sua multifacetada personalidade e prolífica obra.

## II. O percurso do jesuíta Carlos João Rademaker

### 1. O despertar da vocação

#### 1.1. Nascimento e primeiros anos

Carlos João Rademaker nasceu em Lisboa a 1 de Junho de 1828. Filho do conselheiro José Basílio Rademaker, descende de uma conceituada família holandesa estabelecida em Portugal desde o século XVII. Pela sua mãe, D. Carlota João Verdier, descende de uma ilustre família francesa <sup>12</sup>. O casal Rademaker teve duas filhas e três filhos, os quais educaram nos preceitos da fé católica, apostólica e romana. O conselheiro Rademaker desempenhava

---

<sup>11</sup> Há uma infundável bibliografia nesta área, pelo que se referencia de seguida aquelas que directa ou indirectamente aludem ao percurso de Carlos Rademaker e da restauração da Companhia em Portugal. Cf. Alexandre HERCULANO, «A Reacção Ultramontana em Portugal ou a Concordata de 21 de Fevereiro de 1857», in *Opúsculos III*, org., intr. e notas por Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Porto, Editorial Presença, 1984, pp. 169-210; José Leite MONTEIRO, *O Ultramontanismo na Instrução Pública de Portugal. Reflexões a Propósito da Manifestação Académica do Dia 8 de Dezembro de 1862*, Coimbra, Imprensa Literária, 1863; Silva PINTO, *Os Jesuítas. Cartas ao Bispo do Porto*, Porto, Tipografia Oriental, 1877; Manuel Borges GRAÍNHA, *A Propósito do Caso das Trinas. Os Jesuítas e as Congregações Religiosas em Portugal nos Últimos Trinta Anos*, Porto, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1891 e *O Portugal Jesuíta*, Lisboa, Tipografia e Sterotípia Moderna, 1913.

<sup>12</sup> Timóteo Lecussan Verdier, seu pai, é conjuntamente com Jacome Ratton o fundador da Real Fábrica de Fiação de Tomar. Foi um industrial e comerciante bastante conhecido e conceituado em Portugal.

desde 1827 o cargo de subinspector geral dos correios, sendo ainda oficial maior na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros. Permanecendo em funções durante o reinado de D. Miguel, foi por este designado para Ministro Plenipotenciário na corte de Turim em 1829. A família Rademaker parte a 14 de Julho de 1829 para Itália. Nas suas memórias o conselheiro Rademaker refere-se ao período do nascimento do seu segundo filho como de grande azáfama e trabalho na capital, devido à instabilidade política resultante das lutas entre liberais e absolutistas <sup>13</sup>. Em Itália, estabelece-se em Turim, exercendo aqui bons ofícios para com o governo de D. Miguel. É posteriormente enviado em missão para a corte do Rei de Nápoles (1832-1833) <sup>14</sup>, voltando depois para Turim com a sua família. Basílio Rademaker convive nesta cidade com a alta sociedade local. Entre as visitas frequentes da casa dos Rademaker podemos encontrar o conde Solaro de la Marguerita, Presidente do Conselho de Ministros do Piemonte.

A primeira instrução de Carlos Rademaker foi-lhe leccionada pelo seu pai e por alguns professores particulares, em Chieri, pequena cidade nos subúrbios de Turim onde a família morava. Com seis anos, Carlos Rademaker foi crismado na catedral de Turim pelo célebre arcebispo D. Luis <sup>15</sup>; desde 1836 o teólogo João Bosco acompanhará a sua formação nas humanidades <sup>16</sup>. Em 1842 fez exame de retórica no Real Colégio do Carmo, em Turim, obtendo do reitor um louvor por escrito. Vai continuar os seus estudos em Génova onde frequenta o curso de filosofia num colégio da Companhia de Jesus. Parte para esta cidade com a família, mas por pouco tempo, pois no ano seguinte regressará a Turim para frequentar como aluno interno outra instituição da Companhia, o Colégio dos Nobres. Aqui cursa filosofia, mas inicia igualmente a frequência do curso de direito civil e canónico.

Durante os anos seguintes Carlos Rademaker continuará os seus estudos em Turim. Este período de formação é também aquele em que se manifesta a sua precoce vocação para o sacerdócio, recordando-o Rademaker

---

<sup>13</sup> Estas memórias foram publicadas pelo jesuíta Joaquim Campo Santo no *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* entre 1898 e 1901.

<sup>14</sup> Veríssimo SERRÃO, *História de Portugal. Do Míndelo à Regeneração (1832-1851)*, vol. VIII, Lisboa, Verbo, 1986, p. 181.

<sup>15</sup> O Arcebispo de Turim, oriundo da família dos marqueses Franzoni, foi uma das principais figuras da reacção da Igreja Católica ao nacionalismo italiano. Foi preso e posteriormente exilado durante vários anos.

<sup>16</sup> D. Bosco ensina-lhe retórica. Segundo o P. Joaquim Campo Santo, este D. Bosco não é o fundador da Ordem dos Salesianos mas sim um seu parente.

mais tarde: «Já desde pequeno, lendo eu a vida de S. Luiz Gonzaga, [...], senti-me fortemente movido a imitar tão religiosa carreira, e em tenra idade lembra-me da impaciência com que esperava a idade conveniente para manifestar este meu anseio.»<sup>17</sup> Basílio Rademaker dá-nos conta deste período nas suas memórias, referindo a intenção do seu filho em abraçar a carreira religiosa<sup>18</sup>. A resistência do conselheiro a que o filho enverede pelo sacerdócio, será motivo de uma abundante correspondência epistolar<sup>19</sup>. Nesta, Carlos Rademaker expõe as suas razões, rebatidas pelo pai que tinha outros planos para este filho uma vez que Daniel Rademaker, seu outro filho, estava a preparar-se para seguir o sacerdócio. Carlos escreve novamente ao conselheiro Rademaker em 1845 pedindo autorização para iniciar o seu noviciado, procurando o pai demovê-lo, rogando que reflectisse uma vez mais sobre as causas que o levavam a querer abraçar o sacerdócio. As razões apontadas por Carlos Rademaker deixam transparecer a sua idade e ardor juvenil, consistindo: 1. Na vontade de apoio ao próximo; 2. Evitar os perigos do *século*; 3. A busca de tranquilidade<sup>20</sup>. O P. António Brescianni, Provincial da Companhia, mercê do clima de susceptibilidades que envolvem a Companhia de Jesus em Itália, só permitirá a entrada do jovem Rademaker com a autorização paterna; como esta tardava, Carlos acaba por ver gorado o seu desejo. Mas no ano seguinte tentará novamente, uma vez que o P. Provincial de Turim tinha sido substituído, sendo agora o P. Pellico a ocupar o cargo e aceitando este a sua entrada no noviciado. O conselheiro dará com relutância a sua palavra<sup>21</sup>.

## 1.2. O noviciado de Chieri e o retorno a Portugal

Em 28 de Outubro de 1846 Carlos Rademaker ingressa no noviciado, na Casa da Companhia de Sto. António de Chieri. As provocações aos jesuítas sucediam-se e Carlos experimenta-as durante o noviciado: « [...]

<sup>17</sup> Joaquim Campo SANTO, «Padre Carlos Rademaker », in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 21, Lisboa, 1901, p. 535.

<sup>18</sup> Id., «O conselheiro José Basílio Rademaker», in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 20, Lisboa, 1900, pp.281-284,335-338.

<sup>19</sup> Id., *ibidem*, vol. 20, Lisboa, 1900, p. 281 e ss.

<sup>20</sup> Id., *Ibidem*.

<sup>21</sup> As resistências apontadas pelo Conselheiro são reveladoras das estratégias familiares da burguesia e aristocracia da época. José Basílio Rademaker tinha planeado o futuro para seus filhos, destinando Daniel ao sacerdócio e Carlos, a continuar os negócios de família.

as coisas em Turim iam tomando má catadura e já pelas ruas se faziam insultos aos sacerdotes. Varias vezes me diziam à queima roupa em ar de insulto: *Viva Gioberti!*<sup>22</sup> Aquele grito fazia-me subir o sangue às faces, mas não me desconsolava.[...]»<sup>23</sup>. A situação política em Itália começa a ganhar contornos de verdadeira instabilidade para a Igreja, as provocações dão lugar às perseguições. Em Turim começam a 3 de Março de 1848, sendo os jesuítas expulsos do Colégio dos Nobres e de outras casas e colégios da Companhia.

José Basílio Rademaker acaba por tirar o seu filho de St. António de Chieri e trazê-lo para junto de si. A família Rademaker decide sair de Itália nesse mesmo ano. O conselheiro trata de organizar a partida e de obter a autorização para regressar à pátria. Carlos Rademaker tentará ainda reatar o contacto com a Companhia, encontrando-se com condiscípulos e mantendo correspondência com o P. Provincial Francisco Pellico, o qual se encontrava refugiado em França. Este responde negativamente às diligências que o jovem noviço efectuou no sentido de continuar os seus estudos na Companhia, pospondo essa decisão para outra altura e libertando-o dos votos, caso quisesse, através do seu confessor. A família encontra-se preparada para partir a 12 de Agosto, esperando no Hotel de Ville, em Génova, um barco que os levará mais os marqueses de Lavradio<sup>24</sup>, de regresso a Portugal. Carlos Rademaker recordará a passagem pelo Hotel de Ville anos mais tarde, referindo-se à presença ali do Padre Gavazzi, capitão de Garibaldi e guerrilheiro pela unidade italiana.

Em Portugal, Rademaker tenta novamente reatar o contacto com a Companhia, continuando a corresponder-se com os jesuítas italianos. O P. José Vigitello<sup>25</sup>, confessor em Roma do 5º marquês de Lavradio, é acolhido em Lisboa em casa deste. A convivência de Carlos Rademaker com

<sup>22</sup> Vincenzo Gioberti (1801-1852). Sacerdote partidário da unificação italiana. Autor do *Gesuita Moderno* publicado em 1847, obra em que se tecem violentas críticas à Companhia de Jesus pelo seu papel hostil à unificação de Itália e à instituição de um Estado laico com capital em Roma.

<sup>23</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 22, 1902, p. 280.

<sup>24</sup> António de Almeida Portugal e Silva Lencastre (1794-1874). Quinto marquês de Lavradio. Foi ajudante de campo de D. Miguel, exercendo ainda outros cargos ao seu serviço. Amigo do conselheiro Rademaker e seu companheiro de fortuna no exílio, regressará com a família Rademaker a Portugal em 1848.

<sup>25</sup> P. José Maria Vigitello (1799-1859). Nasceu em Turim este famoso professor e pregador jesuíta. Foi reitor do colégio de Parma ao advir a revolução de 1848. Veio para Portugal por pedido do 5º marquês do Lavradio, D. António de Almeida Portugal. Foi mestre muito apreciado de retórica no Colégio Romano.

este padre jesuíta dá-lhe alento para perseverar na ideia de seguir a carreira eclesiástica. Vencida a resistência paterna, começa o jovem Carlos a estudar teologia. Uma nova fase da vida de Carlos Rademaker tem início em Lisboa, a qual o irá conduzir ao sacerdócio e a procurar integrar a Companhia de Jesus. Nomeado adido à Nunciatura Apostólica a 2 de Outubro de 1848, pelo Internúncio Camillo di Pietro, arcebispo de Berito, dedica-se a secretariar este dignitário eclesiástico. Paralelamente, continua o seu estudo de teologia com os Padres Inglesinhos, sob direcção do P. José Maria Isley, director do seminário e também seu confessor. Em 1850 Rademaker escreve uma ode dirigida ao Papa Pio IX, tecendo o seu elogio e enaltecendo a sua resistência face à revolução italiana e à instauração de uma sociedade laica<sup>26</sup>.

## 2. O sacerdócio

No princípio de 1851, Rademaker recebe as ordens menores. É ordenado presbítero a 20 de Setembro de 1851 pelo arcebispo de Mitilene, futuro cardeal-patriarca de Lisboa, D. Manuel Bento Rodrigues. Celebra a primeira missa na igreja de S. Pedro e S. Paulo, do colégio dos Inglesinhos a 29 de Setembro, acolitado pelo seu irmão Daniel Rademaker e tendo como padrinho o P. José Maria Isley. O jornal *A Semana* deixa-nos uma memorável descrição da missa celebrada pelo jovem sacerdote: «Quando é tão desejada a reformação do nosso clero, a notícia que hoje damos de novos presbíteros, deve ser mui grata a todos quantos se interessam pela dignidade dos ministros do Senhor»<sup>27</sup>, prossegue o cronista descrevendo o ambiente: «causou-me admiração ver todas as avenidas próximas dos Inglesinhos tomadas por lindissimas carruagens.[...] Entrando na igreja, achei-me entre as mais distintas dignidades do clero, do corpos diplomático tanto estrangeiro como português, e grande numero de senhoras tão ilustres pelas suas qualidades como pela sua hierarquia». A descrição da cerimónia continua, a alta sociedade lisboeta está presente como várias dignidades eclesiásticas, entre elas o internúncio D. Camillo di Pietro. Podemos compreender melhor o significado deste momento para Carlos Rademaker, recordando o poema que ele compôs para o seu irmão Daniel, no dia em que este se ordenou sacerdote:

<sup>26</sup> Esses versos escritos em italiano, foram oferecidos ao Internúncio Camillo di Pietro. Inocêncio Francisco da SILVA, *op. cit.*, p. 32.

<sup>27</sup> «Missas Novas», in *A Semana*, Lisboa, vol.2, 29 de Outubro de 1851, p. 363.

..... *O tu che in oggi,  
 Novel ministro alla grand'opra eletto,  
 Traggi dal ciel fra le tue mani il Nume  
 Che un dí fra i lampi sulle vette al Sina  
 Dié la sua legge ad Israel tremante:  
 Ah! Tu favella ed i pensier mi narra  
 Che l'estatico spirito r avvolgea,  
 Quando la voce mistica e possente  
 Dal tuo labbio parti: narra gli affetti  
 Onde beata in quell'istante l'alma  
 Per vivo incendio sisfacea d'amore,  
 E le lagrime sparse e l'agitato  
 Palpitare del sem, qual di chi vinto  
 Fra la tema e il desío, piú che la destra,  
 Tremante il core a sublime opra stende.*

10 de Janeiro de 1846 <sup>28</sup>

A emoção de poder participar na «grande obra», de ser o ministro cuja voz mística e possante estabelece a ligação entre Deus e o Homem, revela-nos a faceta mística e apaixonada de Rademaker, a qual podemos testemunhar noutros momentos da sua vida. Carlos Rademaker mantém firme a vontade de integrar a Companhia de Jesus. Após ser ordenado, recebe a 11 de Novembro uma carta do P. Francisco Pellico, na época Assistente de Itália, na Companhia de Jesus, em que lhe elogia as atitudes tomadas e celebra a notícia da sua ordenação, dando-lhe ânimo: «Que consolação me deu a sua estimada carta! Temos agora um vínculo sagrado a unir-nos mais naquela fraternidade que era somente de espirito e de desejos. [...] Li com gosto o que me diz de empregar-se em distribuir a palavra de Deus, naquela forma e com aquele espirito com que se deve ministrar.» <sup>29</sup>.

A sua relação com a Companhia permanece forte e maior o desejo de lhe ser útil e participar na sua obra, oferecendo-se para o fazer desde Lisboa. Na mesma carta responde outro jesuíta, o P. Alexandre Ponza de San Martino, seu antigo professor. É perceptível no texto o ambiente em que vivem os padres da Companhia nos outros países. A questão romana está no auge e a Companhia encontra-se do lado do Papa Pio IX, no embate contra as forças liberais, quer em Itália quer noutros países europeus. As palavras do P. Alexandre Ponza revelam a impossibilidade de acolher o jovem

<sup>28</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 22, 1902, p. 668.

<sup>29</sup> Id., *Ibidem.*, pp. 724 e segs.

Rademaker na Companhia, «Bem sei que deseja alguma coisa mais: quer unir-se a nós, não é verdade? [...] Vejo porém o céu ainda não bastante sereno, e que lhe convém ainda esperar com paciência. [...] Entretanto seja de coração e espírito o que ainda não é no exterior»<sup>30</sup>. Carlos Rademaker irá praticar o ministério sacerdotal, de acordo com os princípios expressos nas *Constituições* da Companhia, empreendendo actividades junto à juventude, dedicando-se à criação e direcção de congregações marianas, ao ensino de jovens e à realização de sermões nas principais igrejas de Lisboa<sup>31</sup>.

### 3. O Instituto de Caridade

O país, cansado da agitação política e da instabilidade provocada pelos golpes e contra-golpes protagonizados pelas várias facções que disputavam o poder, recebeu com agrado em 1851 o pronunciamento militar do marechal Saldanha. A Regeneração procurava criar as condições para uma definitiva implantação e extensão do Estado liberal num clima de paz e estabilidade. O sentimento anticlerical, nomeadamente anticongreganista e o alcance das reformas realizadas por Joaquim António de Aguiar e seus seguidores, mantêm tensas as relações entre a Igreja e o Estado.

No processo de laicização da sociedade foram expulsas as ordens religiosas, o Estado procurava cercar o poder económico da Igreja, estendendo a administração civil a todo o país. A questão religiosa continuava em aberto, apesar de resolvido o grande cisma, que opôs o Estado liberal à Santa Sé entre 1832 e 1841<sup>32</sup>. Os liberais procuravam manter o processo de secularização iniciado com o fim da guerra de 1828-1834, enfrentando uma resistência activa, e outras vezes passiva, da parte da Igreja Católica.

É neste ambiente que o jovem P. Rademaker, com vinte e três anos, inicia o sacerdócio, pregando em várias igrejas de Lisboa. Reparte o seu tempo entre o confessionário e a educação de jovens, uma vocação antiga. Frequenta o colégio do dr. Cicouro (à Costa do Castelo)<sup>33</sup>, o Luso-Britânico e o da Nossa Senhora das Dores, onde orienta os estudos e ouve em

<sup>30</sup> Id, *ibidem*.

<sup>31</sup> *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*, Cúria Provincial da Companhia de Jesus, Braga, Livraria A. L., 1997, 7ª parte, § 623, pp. 162-163.

<sup>32</sup> Manuel CLEMENTE, «Igreja e sociedade portuguesa do liberalismo à República», in *Didaskália*, vol. XXIV, fasc. 1, Lisboa, 1994, pp. 119-129.

<sup>33</sup> Colégio fundado em 1839 no palácio do marquês de Tancos pelo P. Manuel Fernandes José Cicouro, no qual, para além do ensino de humanidades e literatura era ministrado o ensino de religião e moral.

confissão os estudantes. Nesta época obtém a aprovação do Cardeal Patriarca para a publicação do folheto *Poucas palavras de um verdadeiro amigo dedicadas aos jovens estudiosos*.

O P. José Maria Isley, amigo da família Rademaker, convida-o em 1853 a tomar conta da secção masculina do Instituto da Caridade, instituição para crianças pobres fundada em 1849. O jovem sacerdote envolve-se cada vez mais na actividade assistencial. Nesse ano publica *Breve Instrução para os Meninos da Primeira Comunhão, A. M. D. G. pelo Padre Carlos João Rademaker*. Catecismo para aprender e decorar, surge sobre a forma dialogada, apresentando algumas reflexões sobre a primeira comunhão. Esta obra é fruto do trabalho que desenvolveu nos dois últimos anos junto dos seus alunos.

Durante o século XIX surgem por toda a Europa católica congregações devotadas ao culto mariano. Portugal acompanha este movimento de devoção a Nossa Senhora, Carlos Rademaker partilha-a. Nos primeiros anos que se seguiram à sua ordenação, o trabalho realizado junto dos jovens, acabou por lhe inspirar a criação da Pia União da Legião Sacra de Maria Imaculada. Os objectivos desta congregação residiam na formação de jovens no seio do catolicismo apostólico romano e no respeito estrito dos preceitos da Igreja. O regulamento da congregação procura criar um espírito de militância nos ideais católicos. O hino da «Legião» evoca o espírito de missão, o carácter heróico da defesa do ideal católico romano, numa sociedade a claudicar para o «século», para o laicismo, como se pode acompanhar pelas seguintes estrofes:

Da Virgem Imaculada  
A bandeira desfraldada  
Nos convida a combater.  
Legionários de Maria,  
Pelo pendão que nos guia  
Ou triunfar ou morrer!<sup>34</sup>

O P. Rademaker publicará ainda nestes anos um devocionário para apoio dos futuros legionários, intitulado: *Método de Vida para um Legionário de Maria Imaculada, que deseja cumprir perfeitamente com o seu Regulamento*. Esta congregação seria aprovada a 27 de Fevereiro de 1854 pelo Cardeal Patriarca D. Guilherme Henriques de Carvalho, poucos meses antes do Papa Pio IX estabelecer em Roma o Dogma da Imaculada

<sup>34</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 22, 1902, p. 728.

Conceição. Na sua sequência, Carlos Rademaker publica uma método para o ensino da doutrina cristã às crianças <sup>35</sup>.

A actividade publicista de Rademaker em prol da Igreja Católica continua com a edição no ano seguinte do folheto *O Triunfo da Igreja Romana na Definição do Dogma da Imaculada Conceição de Maria* <sup>36</sup>. Esta ode sáfica visa comemorar a definição do dogma, revelando o apoio de Rademaker à sua publicação e a alegria pelo triunfo da Igreja Romana na sua definição teológica. A comemoração do evento em Portugal, o qual recebera o beneplácito régio, não aconteceu sem provocar agitação entre a imprensa, nomeadamente a polémica protagonizada entre o jornal anticlerical *Revolução de Setembro* e o jornal legitimista *A Nação*. Nos seus versos Rademaker alude claramente ao cerco que a Santa Sé é alvo por parte da sociedade laica, narrando as dificuldades na definição do dogma e o papel preponderante do Papa na sua vitória:

«E a Roma diziam: “Cô a voz divina  
Fala, que aguarda teu decreto o Mundo  
Pedro ainda vive em ti; quem te domina  
Não tem segundo!

E o Pio que se assenta em Vaticano  
A palavra soltou que lhe pediam  
Mistérios a apontar que em alto arcano  
Ainda jaziam».

«No mundo o que se fez? – ímpios fremeram  
Os que Roma pensavam derribada!...  
Mas ainda há cristãos que não venderam  
A Fé jurada.

Agora paz! Incrédulos – tiranos  
Que de Cristo algemar vínheis a Igreja  
É aurora p`ra vós de desenganos  
Essa que alveja».

«Ai de quem ousa discutir mistério  
E a verdade algemar néscio – ou tirano  
Ai, quem de Cristo sujeitar o Império  
Ao braço humano».

<sup>35</sup> *Mimo de muito Rev. P. Carlos Rademaker aos meninos portugueses, método muito fácil para ensinar, por meio do canto, as cousas necessárias da doutrina cristã, oferecimento às escolas católicas*, Lisboa, 1854.

<sup>36</sup> *O Triunfo da Igreja Romana na Definição do Dogma da Imaculada Conceição de Maria*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855, pp. 5-6.

Estes versos, relembrando a questão italiana e o cerco ao Papa, refletem a posição de Rademaker, constituindo uma crítica à alguns sectores da sociedade liberal, que pretendem subjugar a Igreja ao poder do Estado. Esta ode sáfica revela-nos ainda um importante característica da futura actividade de Carlos Rademaker – a defesa intransigente do papado.

Entretanto, Rademaker continuava a dedicar toda a sua atenção ao Instituto de Caridade, o qual registou um grande incremento durante os primeiros anos que lhe esteve entregue. Verificando-se um aumento do número de crianças a cargo da instituição e mudando o Colégio de instalações em 1855 para o Largo da Páscoa.

Nesse mesmo ano a cidade de Lisboa sentia o efeito o efeito de uma grande epidemia. A cólera-mórbus irá vitimar milhares de pessoas. A epidemia prolonga-se por 1856, dando lugar à febre amarela. O P. Rademaker participa no auxílio às vítimas, assistindo os doentes, administrando os sacramentos, consolando as famílias e procurando amparar a fé e a moral da sua comunidade. Carlos Rademaker vê nesta tragédia a possibilidade de actuar, de concretizar por intermédio do seu sacerdócio o espírito cristão. Ao mesmo tempo considerava que a epidemia era um sinal de Deus, uma prova para a comunidade de fiéis: «Parabéns, ministros do Santuário! Parabéns zelosos Colegas na missão santa da Caridade! A mão de Deus que castiga para vivificar, Qui deducit ad inferos et reducit, se por uma parte está ameaçando o nosso povo de lhe fazer sentir o peso da provação, está por outra parte abrindo um campo vastíssimo ao desenvolvimento da caridade e do zelo.»<sup>37</sup> Rademaker transmite-nos ainda o espírito de voluntarismo que o anima, descreve a entrega dos sacerdotes no apoio ao povo: «Alegramo-nos, porque se nos abre o campo para os rasgos da mais elevada virtude. Para muitos de nós, se abrem as portas do paraíso, pelo heroísmo de Caridade. Chegou o dia em que vamos mostrar à Europa toda, quanto é falsa, quanto é caluniosa a imputação que a impiedade faz ao Clero, de ser egoísta, servil e interesseiro!»<sup>38</sup>. Era a possibilidade de resgatar as críticas que recaíam sobre a Igreja, demonstrando que as acusações da imprensa anticlerical eram injustas.

No sermão realizado na igreja de S. Roque a 13 de Dezembro de 1857, a propósito da publicação da Bula de Cruzada<sup>39</sup>, Rademaker descreve as

<sup>37</sup> «A Visita de Deus», in *O Domingo*, 23 de Junho de 1855, *Apud* Joaquim Campo SANTO, «Padre Carlos Rademaker», in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 23, Lisboa, 1903, pp.85-88.

<sup>38</sup> Id, *ibidem*.

<sup>39</sup> Desaparecendo as causas que lhe deram origem a Bula de cruzada é pelo papa Pio

privações e necessidades provocadas pela epidemia: «Foi nestes dias que nós experimentamos o que pode o catolicismo que conduz os monarcas [D. Pedro V] à cabeceira do moribundo, e abriga com os tesouros dos poderosos da terra aos órfãos que deixou no desamparo a foice da morte. Foi nestes dias que nós vimos o bom pastor expirar entre as suas ovelhas, orando para que a sua vida fosse a última que a pestilência ceifasse. Foi nestes dias que vimos este clero que o mundo escarnecia e saciava de opróbrios, não faltar à sua missão de caridade, [...] e foi nestes dias que mais que nunca nos vimos obrigados a confessar, o povo não pode viver sem religião, a religião não pode existir sem Sacramentos, os Sacramentos não se administram sem sacerdotes, [...]»<sup>40</sup>.

A epidemia provocou no seio da família Rademaker as suas vítimas, o conselheiro Rademaker morreu a 21 de Junho de 1856. O sacerdote continuou nesse ano o seu trabalho, repartido pela assistência nos hospitais e a pregação no púlpito. Com a morte do pai, Carlos Rademaker, aplica parte da herança recebida no Instituto de Caridade, transferindo esta instituição das instalações do Largo da Páscoa para a Rua de Buenos Aires.

#### 4. A restauração da Companhia de Jesus em Portugal

No catálogo da Província Turinense da Companhia de Jesus, figura desde 1851 o nome de Carlos Rademaker, como estudante de teologia<sup>41</sup>. Deve-se isto aos bons ofícios do P. Vigitello. Durante os quatro anos seguintes, Rademaker continuou a envidar esforços para ingressar na Companhia. Por ocasião da visita dos padres jesuítas José Clos e Francisco Ramón Cabré a Lisboa, pode Rademaker expressar esse mesmo desejo. Os padres ficaram hospedados no Instituto de Caridade, onde tiveram oportunidade de conhecer melhor a obra que se estava a criar em Lisboa. Em Outubro de 1855, o P. Alexandre Ponza de San Martino por intermédio do P. Bucazinski,<sup>42</sup>

---

IX destinada à criação de seminários e subsidiar igrejas pobres e obras pias. Cf. Carlos A. Moreira AZEVEDO, «Bula da Cruzada» in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, vol. A-C, [Lisboa], Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, Circulo de Leitores, 2000, pp. 276-277.

<sup>40</sup> *Discurso da Publicação da Bula da Santa Cruzada recitado na Igreja de S. Roque a 13 de Dezembro de 1857*, Lisboa, Imprensa União - Tipográfica, 1858, p. 4. Já no ano anterior Carlos Rademaker tinha glosado este tema em sermão, do qual ficou inclusive um pequeno opúsculo.

<sup>41</sup> Carlos RADEMAKER, *Autobiografia*, p. 4.

<sup>42</sup> Padre jesuíta de origem polaca, José Bucazinski esteve em Portugal durante o período que a Companhia de Jesus foi restaurada no reinado de D. Miguel. Posteriormente, em França, assume funções de secretário do P. Alexandre Ponza de San Martino.

prometia para breve a sua entrada na Companhia. Posteriormente, o P. Bucazinski escreveu a Rademaker a informá-lo que o Geral da Companhia, Pedro Beckx, ordenara que o sacerdote português ficasse a pertencer à Província de Espanha cujo Provincial era o P. Domingos Olascoaga <sup>43</sup>.

Em carta escrita ao seu novo superior, em Setembro de 1856, Rademaker propunha o seu plano para a restauração da Companhia em Portugal <sup>44</sup>. A estratégia consistia na admissão de padres jesuítas para o seu colégio, que ficariam encarregues de o coadjuvarem no ensino dos meninos órfãos, iniciando também outras obras de assistência. Mencionava que o colégio gozava de protecção e simpatia de várias instituições, nomeadamente, do consulado britânico. As condições políticas eram-lhe favoráveis, Lisboa tinha um governador-civil considerado por Rademaker como muito piedoso e afecto à Companhia – o conde de Sobral <sup>45</sup>. Informava que tinha dois sacerdotes portugueses candidatos à Companhia, um proveniente do Minho e outro da cidade de Lisboa. Pedia ainda que lhe enviassem dois jesuítas espanhóis.

Entretanto, em Lisboa começavam a surgir sinais do final de um ciclo iniciado com a Regeneração em 1851; as negociações para a conclusão de um acordo com a Santa Sé enervava os sectores mais radicais do liberalismo português; o Partido Regenerador dava lugar ao Histórico, na governação do país, formando-se um ministério em que participavam célebres anticongreganistas como Vicente Ferrer Neto.

Em 1857 Rademaker recebe o convite para ir professar as ordens a Loiola, 11 anos após ter iniciado o noviciado. Nesse ano, em que morre a irmã, Carlos decide viajar até Espanha para realizar os seus votos. Realiza a viagem em companhia do irmão Daniel e de sua mãe, iniciando-a com uma pequena estadia no Alentejo. A sua jornada suscitou a polémica na capital: o periódico *Instrução Pública*, <sup>46</sup> pela pena do seu director, Joaquim Lopes de Melo, acusa Rademaker de pertencer aos jesuítas, recomendando-o para uma mitra no ultramar. É provável que Carlos Rademaker tivesse conhecimento e até participado nas negociações que ocorreram entre Portugal e a Santa Sé sobre o Padroado Português. O P. Rademaker

<sup>43</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol.23, 1903, p. 154.

<sup>44</sup> Lesmes FRIAS, *op. cit.*, t. II, vol. I, p. 584.

<sup>45</sup> Luís de Melo Breyner (1807-1876). O 2º conde de Sobral, foi comendador da Torre-e-Espada, condecorado ainda com a medalha das 8 campanhas da liberdade (1834). Foi ajudante de campo do príncipe D. Augusto de Leuchtenberg e depois do rei D. Fernando II. Herói liberal, foi governador civil de Lisboa, cargo que desempenhou primeiro em 1852, a convite do duque de Saldanha e depois entre 1856 e 1858.

<sup>46</sup> *Instrução Pública*, 15 de Julho de 1857.

foi efectivamente convidado para assumir a diocese de Angola e Congo, a qual recusou, segundo nos refere o P. Lesmes Frias <sup>47</sup>.

O relato da viagem a Espanha e as impressões que colheu do clero português e espanhol, encontram-se nas cartas publicadas no jornal *Bem Público*. As cartas surgem como forma de desagravo às críticas que lhe são dirigidas pelo periódico *Instrução Pública*. Intitulado «A denuncia da Instrução Pública (jornal)», a resposta estende-se por três números. Rademaker descreve nas suas cartas a viagem, os lugares onde pregou e alguns aspectos dos cultos locais. Num registo próximo da literatura de viagem, fez algumas considerações sobre os colégios por onde passou e, a propósito da sua estadia em Elvas, tece interessantes considerações sobre a educação nos seminários: «As escolas para o clero são uma utopia. Seminários é que se querem, e seminários bem montados. A escola forma o espírito, mas o seminário educa o coração; e o clero, embora muito instruído, sem educação eclesiástica não é nada. Confundir a ciência com a educação é um erro vulgar dos nossos dias» <sup>48</sup>. Estas reflexões serão aprofundadas numa carta que envia de Espanha, do seminário de Badajoz: «[...] desejaría que nos nossos seminários de Portugal não se cuidasse só em cultivar o espirito do novo clero, mas em lhe formar o coração infundindo-lhe, não a ambição das paróquias mais pingues e dos benefícios mais conspícuos, mas o zelo da salvação das almas, que é a virtude própria do sacerdote. Veremos o que sai de Santarém. Por agora não temos mais que esperanças e desejos.» <sup>49</sup>. Nesta carta Carlos Rademaker não faz qualquer alusão ao verdadeiro motivo da sua viagem, a ida a Loiola, onde professa os votos simples, conclusão do noviciado. As suas cartas omitem essa jornada. Recorrendo à obra do P. Lesmes Frias sabemos que após a sua estadia em Madrid, onde se encontra Canga Argueles, director do jornal *Regeneración*, Rademaker deslocou-se a Loiola. Em Madrid procura obter o assentimento para a restauração da Companhia em Portugal. Numa carta escrita ao Geral da Companhia de Jesus, expõe a situação religiosa em Portugal descrevendo os ataques que a Igreja é alvo, sobretudo pela imprensa anticlerical. Propõe ao P. Geral a restauração da Companhia, oferecendo o seu colégio para se iniciar esse trabalho <sup>50</sup>.

<sup>47</sup> Lesmes FRIAS, *op. cit.*, t. II, vol. I, p. 583.

<sup>48</sup> «A Denúncia da Instrução Pública (jornal)», in *Bem Público*, nº 5, 1 de Agosto de 1857.

<sup>49</sup> «A Denúncia da Instrução Pública (jornal)», in *Bem Público*, nº 7, 15 de Agosto de 1857. Alude ao Seminário de Santarém, fundado no âmbito da reforma que a Igreja Católica portuguesa queria realizar na formação religiosa dos jovens sacerdotes.

<sup>50</sup> Segundo nos narra o P. Ambrósio Pina na biografia de Carlos Rademaker, referindo-se a documentação existente em Roma no Arquivo da Curia Generalícia.

Em 1857 residiam em Portugal três jesuítas: P. Carlos João Rademaker (Lisboa), P. João Baptista dos Santos (Pombal) e o Irmão leigo Manuel Antão (Malhadas) <sup>51</sup>. No ano seguinte podemos verificar os primeiros frutos da proposta de Rademaker, no Catálogo da Província de Espanha e Castela referencia-se mais dois jesuítas portugueses, ambos noviços em Loiola, João da Silva Porto e Gabriel de Moura Coutinho <sup>52</sup>.

Em 15 de Julho de 1857 Pedro Beckx, Geral da Companhia, escreve ao P. Rademaker a anuir ao restabelecimento da Companhia em Portugal: «Parece-me que chegou o tempo, em que nós podemos realizar prudentemente alguma coisa para ressuscitar a Companhia nesse Reino, ao qual professamos, sempre, grata lembrança, pelos muitos e ilustres méritos e benefícios cuja memória nas nossas histórias nunca apagará o esquecimento» <sup>53</sup>. De retorno a Portugal, após ter feito os seus votos em Loiola, Rademaker procurou um novo espaço para acolher o Instituto de Caridade, enquanto o P. José Maria Isley lhe confiava em definitivo a direcção do Instituto <sup>54</sup>. Em Campolide encontrou o local ideal para estabelecer o seu colégio, na Quinta da Torre, a qual adquiriu ao poeta João de Lemos <sup>55</sup>. Aí instalou o colégio, o qual foi inaugurado solenemente com o nome de Colégio de Maria Santíssima Imaculada a 21 de Junho de 1858, dia de S. Luís Gonzaga. O colégio contava com crescente prestígio, aumentando rapidamente o número de alunos; em Agosto de 1858 eram quarenta e oito internos e quase o dobro de externos. Rademaker procura colaboradores para o trabalho que estava a desenvolver. Para o coadjuvar no ensino encontrava-se o P. José Maurício da Fonseca Barbosa e o P. José Feliciano Coelho dos Reis.

A 27 de Setembro desse ano vêm juntar-se-lhe outros dois jesuítas para o coadjuvarem, Martinho Rodrigues <sup>56</sup> e Inácio Enrich, natural de

<sup>51</sup> Francisco RODRIGUES, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões, Esboço Histórico – Superiores – Colégios – 1540 a 1934*, 2ª ed., Porto, 1935, p. 23.

<sup>52</sup> A Companhia de Jesus criara rapidamente condições para acolher mais elementos em Portugal, tendo 14 membros em 1860 e no rescaldo da Questão das Irmãs de Caridade, em 1862, contava já com 27 membros no país.

<sup>53</sup> Ambrósio PINA, *op. cit.*, p. 165.

<sup>54</sup> A procura de uma nova casa para instalar os seus alunos reveste-se de um episódio curioso, que talvez nos ajude a compreender melhor o carácter de Carlos Rademaker. Este inicia a 4 de Março uma novena dedicada a S. Francisco Xavier conjuntamente com os seus alunos, confiando assim na divina Providência para o ajudar a encontrar uma nova casa.

<sup>55</sup> Manuel Borges Graíña conta na *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em Latim pelos Padres do mesmo Colégio onde foi encontrado o Manuscrito*, p. XIV, que Rademaker ficou muito interessado na Quinta da Torre, pois julgou que esta teria outrora pertencido à Companhia, no tempo do marquês de Pombal.

<sup>56</sup> O qual entrara na Companhia durante o tempo de D. Miguel, acompanhando os jesuítas franceses quando estes foram expulsos de Portugal em 1834.

Manresa (Catalunha). Procura ainda receber em Portugal mais padres da Companhia e para tal efectua diligências junto ao Presidente do Conselho de Ministros, o duque da Terceira. Este dá-lhe as garantias necessárias para a entrada dos jesuítas em Portugal. Em Dezembro de 1859, chegam a Lisboa mais dois padres, os italianos Francisco Xavier Rondina e Luís Prosperi.

Desde 1858 Carlos Rademaker figura como o Superior responsável pelo estabelecimento da Companhia <sup>57</sup>, embora sempre na dependência da Província Espanhola. Até ao ano de 1862 a estratégia de implantação da Companhia de Jesus em Portugal é articulada entre o P. Carlos Rademaker e o seu superior, o P. Provincial.

#### 4.1. A militância jornalística

Desde a década de cinquenta que Carlos Rademaker mantém uma discreta, mas importante, colaboração com os jornais católicos. Entre estes, escreve para o *Amigo da Religião* onde publicou em 1854 a *Oração panegírica em honra do beato João de Brito, recitada na Igreja paroquial de Santo André* <sup>58</sup>. Publicou textos no *Domingo* (Lisboa, 1855), <sup>59</sup> *Bem Público* (Lisboa, 1857), *Voz da Verdade* (Ponta Delgada, 1867), na *Estrela d'Alva* (Braga, 1871), na *Semana Religiosa Bracarense* (Braga, 1875), no *Progresso Católico* (Guimarães, 1878) e no *Comércio do Minho* (Braga, 1882). É referenciado como pertencendo à redacção do *Domingo* e *Bem Público*, apesar do seu nome não surgir entre os redactores <sup>60</sup>.

<sup>57</sup> Em Abril de 1861 o Geral da Companhia nomeia Carlos Rademaker Superior de toda a Missão. Cf. Manuel Borges GRAÍNHA, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em Latim pelos Padres do mesmo Colégio onde foi encontrado o Manuscrito*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, p. 22.

<sup>58</sup> Carlos Rademaker presta grande devoção ao beato João de Brito, missionário e mártir português do séc. XVII e a S. Luís Gonzaga, jesuíta italiano do séc. XVI e patrono da juventude.

<sup>59</sup> *O Domingo – jornal eclesiástico, religioso e literário* (Lisboa, 1855-1857). Periódico conectado ao sector católico mais conservador e ultramontano. O seu director foi o P. José de Sousa Amado. Carlos Rademaker é referido como um dos elementos do corpo redactorial, pelo P. Joaquim Campo Santo. No *O Domingo* colaboraram José Maria de Sousa Monteiro, o 2º marquês da Valada - José de Meneses da Silveira e Castro e Fernando Maria de Almeida Pedroso, entre outros. Este semanário termina a sua publicação com o presente nome em 23 de Maio de 1857, passando a chamar-se a partir da 3ª série *Bem Público*, do qual sai o primeiro número nessa data.

<sup>60</sup> «José Maria de Sousa Monteiro», in *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 29, Lisboa e Rio de Janeiro, s.d., pp. 888-889.

Durante este período a militância de Carlos Rademaker nas hostes ultramontanas não se faz apenas pela escrita. O padre jesuíta está atento aos problemas do patriarcado, participando na representação que o clero de Lisboa, conjuntamente com sacerdotes de outras dioceses, fazem ao patriarca no início de 1857<sup>61</sup>. Demarcando-se da actuação do Arcebispo de Mitilene, acusado de desvio dos princípios estritos da conduta de um prelado, prestam o seu apoio ao Cardeal<sup>62</sup>.

Novas disputas irão envolver no ano de 1857 o P. Rademaker. Os periódicos *O Jornal do Comércio* e *O Português* iniciam uma campanha contra a Congregação das Franciscanas Hospitaleiras, fundada por Frei Raimundo dos Anjos Beirão<sup>63</sup> e contra o Instituto da Caridade. Um outro periódico, *A Instrução Pública*, que em Julho desse ano atacara Carlos Rademaker, aquando da sua viagem a Espanha, irá lançar um novo e violento ataque. Joaquim Lopes de Melo, director deste jornal, órgão do Colégio de N. S. da Conceição, acusa Rademaker de não defender os interesses da Igreja, acusando-o de ser "néscio, cobarde e hipócrita", de se ter passado para o outro lado. A redacção do *Bem Público*, onde escrevia Rademaker, responde a estas acusações de forma contundente:

«[...] que não deve um jornal religioso deixar correr, sem o apontar à desconfiança dos nossos irmãos em Jesus Cristo, um jornal escrito por homens das mesmas crenças religiosas e órgão oficial de um considerável estabelecimento docente, mas que vai semeando péssimas doutrinas em linguagem e com procedimentos perfeitamente libertinos. O veneno aqui é tanto mais terrível, quanto menos suspeita é a mão que o propina; maior é por isso a necessidade de pôr os incautos de sobre-aviso.[...]»<sup>64</sup>.

As críticas de Joaquim Melo aludiam à uma proximidade entre Rademaker e o poder político, situação que exasperara anteriormente a imprensa anticlerical, tal como certos sectores da imprensa católica legitimista,

<sup>61</sup> «Representação do Clero de Lisboa a sua Eminência», in *O Domingo*, ano II, nº 87, 24 de Janeiro de 1857.

<sup>62</sup> O P. Manuel José Fernandes Cicouro dá conta desta polémica em opúsculo publicado no ano anterior, *Observações acerca da suspensão que o Exmo. Sr. Cardeal Patriarca mandou intimar ao Exmo. Arcebispo de Mitilene*, Lisboa, 1856.

<sup>63</sup> Frei Raimundo Maria Ferreira da Silva (1810-1878). Religioso da Terceira Ordem da Penitência do Convento de Jesus. Respeitado pelos seus correligionários pela integridade e saber, permaneceu fiel ao legitimismo pelo qual viria a sofrer várias perseguições.

<sup>64</sup> «Ainda o libertinismo da Instrução (jornal)», in *Bem Público*, nº 23, 5 de Dezembro de 1857, p. 214.

nomeadamente a *Instrução Pública*, que continuamente o acusava de não adoptar uma conduta «legitimista», de pactuar com o regime liberal, sendo inclusive apelidado de maçom <sup>65</sup>. Como resposta a estas acusações, Carlos Rademaker publica em Dezembro de 1857 o artigo «Bandeira Católica». Verdadeira profissão de fé no catolicismo e reflexo da sua mundividência cristã, na qual afirma a sua actividade não circunscrita aos partidos políticos, reafirmando a importância basililar da Igreja na sociedade, o seu papel unificador e criticando as lutas partidárias. Da mesma maneira sublinha a importância da doutrina ultramontana na figura do Papa, enquanto representante dos católicos, superior às nações, superior aos homens, apresentando-nos assim a sua crença:

«[...] desde os primeiros dias da minha carreira hastei uma bandeira cujo lema é o seguinte: Catolicismo antes que tudo: Respeito a todas as autoridades: Caridade para com todos os partidos.

Quando revesti a libré de Jesus, virgem ainda de aspirações políticas, mancebo então de vinte e quatro anos, passados a maior parte em estudos na terra estrangeira, podia ter uma crença minha, mas guardava-a no meu peito; porque entendi que o sacerdote não devia ser um guerrilheiro, e a minha estola não quis degrada-la a servir de bandeira a uma carabina.

Desafio qualquer partido que poder provar que desde essa época até hoje me arredei daquela senda, e que me inclinei mais a um campo que a outro. Hastei o pendão branco da paz, da reconciliação, da ordem, da caridade, e esse pendão não o arreei ainda: ainda tremula na minha mão, ainda hoje digo como no primeiro dia – Catolicismo antes que tudo: respeito a todas as autoridades; caridade para com todos os partidos.

Catolicismo antes que tudo! Não quero o monopólio do Catolicismo em um partido, mas aceito o bem, louvo o bem, aplaudo ao bem, desejo sinceramente o bem, venha ele de onde vier; mas intendo que não possa haver bem senão por meio da religião de nossos antepassados. [...], como sacerdote não posso definir-me nem Cartista, nem Miguelista, nem Progressista, nem retrogrado, nem Ministerial, nem oposicionista; devo aceitar todas as posições com tanto que qualquer delas adopte sinceramente o meu principio *Católico antes que tudo*. [...] cessem entre nós essas funestas questões de partidos, que tem ceifado tantas vitimas, e feito tantos infelizes! Sejamos todos um só grémio, de um só espirito, de um só partido, o partido de Jesus Cristo, o Grémio da Igreja sua esposa, o espirito da caridade.[...]» <sup>66</sup>.

<sup>65</sup> *Bem Público*, nº 30, 23 de Janeiro de 1858, p. 279.

<sup>66</sup> «Bandeira Católica», in *Bem Público*, nº 26, 26 de Dezembro de 1857, pp. 238-240.

Esta polémica antecedeu o vendaval político e social que assolou o país nos anos seguintes e que se polarizou na questão das Irmãs de Caridade. Em Maio de 1857 Alexandre Herculano publicava *A Reacção Ultramontana em Portugal ou a Concordata de 21 de Fevereiro de 1857*<sup>67</sup>. A causa próxima deste embate, que durará entre 1858 e 1862, foi a assinatura da Concordata entre o Estado liberal e a Santa Sé, resolvendo as questões relacionadas com o Padroado Português. A necessidade de definirem-se os campos políticos numa questão que envolvia a afirmação do Estado liberal face ao poder da Igreja, à qual está associada a nobreza, será uma das tónicas do discurso anticlerical protagonizado pelo periódico *O Português*. A visão dos católicos ultramontanos e dos católicos legitimistas sobre essa questão permitirá evidenciar a existência de duas correntes cada vez mais definidas no seio da Igreja Católica portuguesa<sup>68</sup>.

Na continuação do seu labor jornalístico, Carlos Rademaker escreverá para o *Bem Público* sobre temas religiosos, onde deixará transparecer a sua posição enquanto clérigo. Nestes artigos expõe uma visão conservadora e ultramontana, assente na intemporalidade da Igreja, com base nos evangelhos. Sobre a *Ressurreição* Rademaker apresenta-nos os argumentos que reforçam o poder da Igreja e a sua posição no *século*, pois: «Iguamente se Cristo ressuscitou, não por virtude alheia, senão própria, logo evidentemente era Deus, e eis a prova da sua revelação; era Deus, logo a sua casa era o empíreo, donde resulta o mistério da ascensão gloriosa; era Deus, e logo a infalibilidade de suas promessas, a perpetuidade da sua igreja e do seu sacerdócio. Os dogmas todos do catolicismo partem pois todos deste mistério.»<sup>69</sup>. Em outro texto flagela os ideais liberais oriundos da revolução francesa, rebatendo a trilogia liberdade, fraternidade e igualdade, numa argumentação que consiste em recordar que esses ideais são praticados desde há séculos no catolicismo:

«Não há pois no Catolicismo distinção de classes para aqueles que eleva a seus altares; não, nem nunca haverá. Blasone o socialismo de suas descobertas para nivelar as classes na sociedade, a Igreja católica com o culto de seus Santos, revela-se a crença da verdadeira igualdade.

<sup>67</sup> Alexandre HERCULANO, *op. cit.*, pp. 169-210.

<sup>68</sup> Sobre o ambiente anticlerical que se vivia na época, suscitado pela questão das Irmãs da Caridade veja-se os trabalhos de António Matos Ferreira, Manuel Clemente e Vitor Neto citados na bibliografia final. Sobre as Irmãs da Caridade veja-se ainda Maria José CRISTÓVÃO, «A questão das Irmãs da Caridade», *Estudos de Opinião Pública (1858-1862)*, vol. II, Lisboa, 1972 e Maria de Fátima BONIFÁCIO, *Apologia da História Política. Estudos sobre o século XIX português*, Lisboa, Quetzal Editores, 1999, pp. 241-362.

<sup>69</sup> «A Ressurreição», in *Bem Público*, Lisboa, n.º 40, 3 de Abril de 1858.

[...] Dirá agora a impiedade que o Catolicismo não é religião que esteja às alturas da época? Coitados! Quando vós no século passado nascistes do fatal consorcio do jansenismo com a filosofia, nós já vivíamos então. Tínhamos 17 séculos atrás de nós, e nesses séculos milhões de Santos; esses Santos já tinham inaugurado as três palavras de verdadeira *igualdade*, verdadeira *liberdade*, verdadeira *fraternidade!*»<sup>70</sup>.

Nesta crítica subentende-se ainda o ataque ao protestantismo, o qual será tema recorrente na sua pena: «Os protestantes inventaram a louca teoria do tolerantismo, a teoria mais cruel que possa conceber-se. O tolerantismo, segundo o conceito dos protestantes, é a fria tibieza do homem sem fé, a quem pouco importa que o seu Criador seja ou não respeitado; é a odiosa apatia de um filho que não estremece de uma indignação irresistível e natural quando vê injuriado seu próprio pai.»<sup>71</sup>. Esta crítica ao carácter latitudinário do protestantismo irá ter várias vertentes, ocupando ao longo dos anos um lugar central no espírito de missão de Carlos Rademaker. Estará presente aquando da preparação dos missionários para o Oriente e África, e nas várias missões que Rademaker desempenhará em Portugal e por terras espanholas.

#### 4.2. A criação do noviciado

Com o aumento do número de alunos do Colégio de Campolide, nomeadamente os externos, oriundos de famílias distintas da sociedade lisboeta, Carlos Rademaker viu-se obrigado a pensar numa solução para albergar tantas crianças e ao mesmo tempo encontrar mais colaboradores. O Geral da Companhia em correspondência dirigida a Rademaker animou-o a abrir um noviciado, o que de facto veio a acontecer com a criação do Colégio do Barro. Através do marquês de Valada, velho conhecido da família Rademaker, encontrou o padre uma casa em condições para alargar o colégio. Esta casa, situada no Barro (Torres Vedras), era o antigo convento de Arrábidos, desabitado desde 1834. Com a autorização do governo do marquês de Loulé, Rademaker transferiu para o Barro os seus órfãos em Junho de 1860, baptizando-se o colégio com o nome de Nossa Senhora dos Anjos e deixando o Colégio de Campolide para os alunos externos. Em

<sup>70</sup> «Dia de Todos os Santos », in *Bem Público*, Lisboa, nº 70, 23 de Novembro de 1858.

<sup>71</sup> «Os Mandamentos da Lei de Deus», in *Bem Público*, Lisboa, nº 43, 24 de Abril de 1858.

Agosto do mesmo ano era fundado no Barro o primeiro noviciado da Companhia desde a sua restauração em Portugal.

As campanhas anticlericais sucediam-se. Numa destas refregas, o jornal *O Português*<sup>72</sup> denunciava: «Informa-nos pessoa cordata que, sob a protecção do governo transacto, o Pe. Rademaker estabeleceu em Torres Vedras um convento de frades. Admitem-se lá noviços, e a organização é perfeitamente a dos extintos conventos»<sup>73</sup>. Esta constatação tinha os seus objectivos, visar a Companhia de Jesus e o próprio Governo. O marquês de Loulé, chefe do governo Histórico tinha permitido a criação do Colégio do Barro, oficialmente, colégio para órfãos. O Governo também não criara entraves à entrada de novos padres da Companhia em Portugal. Nesse ano chegariam ao nosso país outros dois jesuítas, os britânicos P. João Meagher<sup>74</sup> e o Irmão Aquilino. No ano lectivo de 1861-1862 a organização da Companhia em Portugal estava centralizada em três instituições: o Colégio de Campolide, o Colégio do Barro e o Colégio das Missões Ultramarinas (em Cernache de Bonjardim). Os seus colaboradores foram distribuídos pela Casa Pia, Mosteiro do Sacramento e várias igrejas da capital, exercendo a confissão e dirigindo espiritualmente as comunidades locais.

Entretanto, a imprensa não esquece as movimentações do P. Rademaker em Lisboa. *O Português* continuará a escrever sobre as intenções dos jesuítas em Portugal, atacando a sua obra mais visível: o Colégio de Campolide. Rademaker continua o seu trabalho, realizando na Quaresma de 1860 uma série de sermões sobre o Símbolo e exercícios espirituais, na Igreja da Encarnação. Estes sermões foram considerados por um seu contemporâneo, José Augusto Pires como: «[...]a sua principal produção de eloquência sagrada. Não os reputamos inferiores às célebres conferências do Padre Félix, pregados em Notre Dame de Paris.»<sup>75</sup>.

<sup>72</sup> «Sentinela alerta», in *Português*, 25 de Agosto de 1860.

<sup>73</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 23, 1903, p. 408.

<sup>74</sup> Filho do Vice-Cônsul britânico em Lisboa. Será vice-reitor e posteriormente reitor por largos anos do Colégio de Campolide.

<sup>75</sup> Júlio Augusto PIRES, *op. cit.*, p. 24. É durante este período que se dá um facto relatado anos mais tarde pelo jesuíta Luís Coloma num conto intitulado *Psii!* (este conto foi publicado na revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. VIII, 1888) e em que narra a tentativa de assassinio de um padre pela maçonaria. Acaba o autor por no final referir que o facto ocorreu em Portugal em 1860. Vários autores identificam a vítima com o P. Carlos Rademaker (podemos incluir nestes os seus biógrafos P. Joaquim Campo Santo e P. Ambrósio Pina. O P. Conceição Cabral num testemunho prestado em 1933 ao jornal *Ecos do Sameiro* (n.º 86, Junho de 1933) descreve também este episódio, do qual tomou conhecimento directo por Rademaker, que foi seu professor no Colégio de Lamego). Os contornos

Nos seus apontamentos relativos a 1860 e 1861, citados pelo jesuíta Joaquim Campo Santo, Rademaker avalia a situação política na capital: «O actual ministério é todo progressista puro: mas o marquês de Loulé é um cavalheiro de boas qualidades, e eu tenho a certeza que, não entrando nós absolutamente em questão alguma política, mas ocupando-nos pura e simplesmente no exercício do sagrado ministério pacificamente e com muita longanimidade e tolerância, não temos nada a temer. Quando digo tolerância, intendo guerrear o pecado e amar os pecadores!»<sup>76</sup>. O P. José Afonseca de Matos, membro da Companhia, que colaborava em jornais da capital pretendeu responder às acusações que na altura recaíam sobre o Colégio de Campolide e sobretudo no P. Rademaker. Contudo, é impedido de o fazer. Aumentava de intensidade o processo de secularização desencadeado pelo Estado no sentido de enfraquecer o congreganismo, criando as condições necessárias à integração da Igreja na sociedade portuguesa. Nessa época, era ainda o caso das Irmãs da Caridade a questão que preocupava a opinião pública, cuja polémica vinha-se arrastando desde 1857, com a sua entrada em Portugal. Com a publicação do decreto de expulsão da Ordem, em Março de 1861, Carlos Rademaker fará uma análise irónica e ao mesmo tempo céptica da situação:

«Publicou-se o decreto contra as Irmãs de Caridade, e amanhã terá lugar o *meeting* ao qual são convidados todos os “amantes da liberdade”. Já se sabe o que isto significa. O que se pretende é que o governo dissolva as câmaras, e convoque uma assembleia constituinte para reformar a Carta sobre bases amplamente liberais. Suprimir a câmara alta, dissolver a guarda da polícia, instituir uma guarda nacional, etc, etc.»<sup>77</sup>.

---

desta história variam de fonte para fonte, mas existe um consenso em apontar a autoria do atentado à maçonaria. O ambiente onde se realiza a tentativa de assassinio do padre é a igreja da Encarnação, indo um homem com a intenção de matar Rademaker ao seu encontro, o qual depois de interpelado, lhe conta toda a conjura e os seus motivos. O padre sai ileso e o homem foge para Espanha. A conversão de um importante membro da maçonaria por Rademaker e o conseqüente conhecimento dos seus segredos, seria a causa provável desta tentativa de assassinato. Não foi no entanto possível apurar a identidade do importante maçom convertido, embora é possível que os narradores deste episódio se refiram ao marquês de Loulé, grão-mestre da maçonaria. À luz das fontes consultadas este episódio carece de veracidade. Seria importante averiguar o seu fundamento para o podermos localizar, no campo da história ou da mitologia jesuítica.

<sup>76</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 23, 1903, pp. 409-410.

<sup>77</sup> Id, *ibidem*, pp. 473-474.

Entretanto, no elogio fúnebre a um destacado liberal, ajudante de campo e amigo do Rei D. Pedro V, Rademaker consegue fazer chegar a sua voz a uma assembleia que reúne distintos e influentes liberais, conseguindo ainda captar a atenção da família real. O marquês da Fronteira convida Carlos Rademaker a realizar em 1861, o discurso das exéquias de D. Carlos Mascarenhas, militar de mérito reconhecido e herói das guerras liberais. O sermão foi realizado na igreja de S. Domingos de Benfica. Rademaker elogiou as glórias militares e a conduta em vida de D. Carlos Mascarenhas, sem no entanto se eximir de abordar as questões de fé no seu sermão, explicando assim que a origem da inspiração de tão denodado herói do liberalismo foi o catolicismo. Que este vulto da galeria militar liberal tinha profundas convicções católicas. Coloca então o falecido a dirigir-se a si nas seguintes palavras. «Não, padre, não há felicidade sem religião, e sem fé. Oh! Quão nobre, senhores, é esse espírito do catolicismo, neste século principalmente, quando ele faz palpitar o coração de um soldado![...] Por isso, se vistes D. Carlos desprezador da morte nos campos da batalha, vinde contempla-lo desprezador da morte em seu leito, e notai bem que esta vitória é mais difícil; lá podia auxiliá-lo a esperança do adiantamento terreno, aqui não pode valer-lhe senão a esperança cristã.[...]»<sup>78</sup>. Por efeito deste acontecimento, produz-se na época a aproximação de Rademaker à corte de D. Pedro V. Há um conjunto de preocupações comuns entre Rademaker e o soberano, o qual tinha ideias avançadas para a época relativamente à educação popular, não sendo desfavorável à participação da Igreja no esforço de alfabetização do país, embora sempre com precauções face a sua reacção conservadora<sup>79</sup>. A opinião do soberano sobre a Igreja e as ordens religiosas, por ocasião da questão das Irmãs de Caridade, revela uma posição ponderada, analisando os contornos da situação e compreendendo o contexto político que a envolvia<sup>80</sup>. O P. Carlos

<sup>78</sup> *O Discurso Fúnebre nas solenes exéquias do Exmo. Sr. D. Carlos Mascarenhas*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861, p. 18.

<sup>79</sup> D. Pedro V tinha inclusive esboçado um projecto sobre a questão da educação popular, do qual deu conhecimento a seu tio, o príncipe Alberto de Inglaterra em Janeiro de 1856 e cujas reflexões foi aprofundando nos anos seguintes. Cf. *Correspondência entre D. Pedro V e Seu Tio, o Príncipe Alberto*, organização, prefácio e notas por Maria Filomena MÓNICA, Lisboa, Quetzal Editores, 2000, pp. 93, 297 e ss.

<sup>80</sup> Deixa-nos em Abril de 1860 as suas preocupações sobre o aparecimento de um movimento católico afastado do legitimismo político: «Aqui, ele está[«o partido neocatólico»], por assim dizer, no seu processo de nascença, mas os laços que ligam o fanatismo através do mundo são muito estreitos e as relações entre a religião e a política muito íntimas

Rademaker é convidado a realizar, a 29 de Março de 1861, o sermão de Sexta-feira Santa na Capela Real na presença de D. Pedro V<sup>81</sup>. Sobre este sermão recordaria anos mais tarde:

«O meu discurso foi simplicíssimo. Disse no 1º ponto que o temor dos fariseus de verem o seu país dominado pelos romanos tinha sido o pretexto para deliberarem a morte de Jesus Cristo: *Ne veniant Romani*, etc.

Disse no 2º que o temor de se comprometerem tinha sido nos Apóstolos a causa da sua traição. Disse no 3º que o temor de perder o seu lugar foi para Pilatos a causa da sua execrável sentença: *Si hunc dimittis, non est amicus Caesaris*. Na conclusão, mostrei como tendo sido estes três egoísmos a causa da morte do Redentor, deviamo-nos abraçar com a Cruz como símbolo de caridade, e que a paixão tão vil do medo egoísta não podiam render aqueles que meditam na Cruz e nos seus triunfos.

Este discurso pretende-se que fez impressão, e alguém o interpretou como alusão aos negócios de Itália! Veremos o que diz a imprensa.

Preguei no mesmo dia noutra parte um sermão já pregado o ano passado, e também esse foi interpretado como alusão: tanto que à noite, às portas de Santa Isabel, foram mandadas pessoas para me insultar e bater. Não ousaram, porque acharam resistência da parte da Irmandade do Santíssimo Sacramento, que me tinha convidado a fazer uma prática sobre a Soledad de Nossa Senhora.

Ontem, Domingo de Páscoa, notei nos dois sermões que preguei, um certo fermento no auditório, e soube que havia pessoas mandadas para me ouvirem»<sup>82</sup>.

Este apontamento do P. Rademaker, escrito a 1 de Abril, reflecte a tensão que se vivia na época e a perseguição movida pelos sectores liberais e anticlericais à Igreja Católica. A relação entre Rademaker e o Rei terá durado pouco tempo, uma vez que D. Pedro V, acometido de febre tifóide,

---

para não causar uma séria ansiedade». *Correspondência entre D. Pedro V e Seu Tio, o Príncipe Alberto*, *op. cit.*, p.339. Mais tarde referindo-se à questão das Irmãs de Caridade irá aprofundar esta análise na correspondência epistolar trocada com o seu tio Alberto, *op. cit.*, pp. 363-364.

<sup>81</sup> Ambrósio Pina faz referência à presença de familiares de Rademaker na corte, os quais lhe terão facilitado a entrada neste meio restrito. Ambrósio PINA, *op. cit.*, p. 142. Na *Autobiografia* relata-se ainda um encontro na cidade de Lisboa, entre a infanta D. Isabel Maria com o P. Provincial de Espanha, José Manuel Jáuregui, por intermédio de Carlos Rademaker em Janeiro de 1860, *op. cit.*, p. 7.

<sup>82</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 23, 1903, p. 475.

faleceria em 1861. As exéquias foram realizadas no Convento de Mafra, sendo o P. Rademaker convidado para fazer o elogio fúnebre.

### 4.3. O Padroado Português

Nas décadas anteriores à realização da Concordata, as relações tensas entre a Igreja e o Estado português impossibilitaram a formação e envio de missionários para o Oriente. Na década de cinquenta a questão do Padroado do Oriente<sup>83</sup>, torna-se um novo pomo de discórdia na relação entre Portugal e a Santa Sé. A Cúria Romana procura restringir a influência religiosa de Portugal na China, Japão e Índia, dado que a organização e ocupação de facto, de muitos dos territórios, era inexistente. Abrem-se as negociações entre os dois estados e a opinião pública nacional, maioritariamente de acordo com a manutenção do Padroado, hostiliza a Igreja nacional. As negociações são conduzidas por Rodrigues da Fonseca e pelo Núncio Camillo di Pietro, as quais concluíram-se em 21 de Fevereiro de 1857 com o estabelecimento da Concordata. Neste acordo ficaram estabelecidos os limites do Padroado Português e a extensão e organização na Ásia, das missões portuguesas. Contudo, há certos sectores da opinião pública que continuam a rejeitar as bases do acordo, como Alexandre Herculano e Vicente Ferrer Neto Paiva, entre outros, criticando a tese dos curialistas, os quais consideravam o Padroado como uma concessão da Santa Sé. O acordo só foi ratificado pelo parlamento português em 1859. Portugal foi pelo acordo obrigado a fornecer missionários para o seu Padroado. Esta situação levou o Governo a convidar sacerdotes para missionar no Oriente, não obtendo qualquer adesão da parte destes, o ministro da Marinha e Ultramar, Carlos Bento da Silva<sup>84</sup>, acaba por solicitar missionários ao Padre Rademaker. Estabelecem-se negociações que levam a que os jesuítas fiquem a dirigir o antigo Seminário de Cernache do Bonjardim, oficialmente Colégio das Missões Ultramarinas, o qual fica sob a direcção

<sup>83</sup> Cf. P. António Domingues de Sousa COSTA, «Padroado do Oriente», in *Dicionário de História de Portugal*, coordenada por Joel Serrão, vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1990, pp. 508-510.

<sup>84</sup> Carlos Bento da Silva (1812-1891). Bacharel de direito, dedicou-se desde cedo ao jornalismo, encontrando-se, no início da década de quarenta, entre os redactores do *Português*. Dirigiu o *Diário do Governo* entre 1843 e 1844, sendo um acérrimo defensor do governo. Entra para a política a seguir sendo eleito deputado. Mais tarde será elevado ao pariato (1874). Foi por diversas vezes ministro: dos Negócios Estrangeiros, Obras Públicas, Marinha e Fazenda, ocupando de 1852 até 1868 as referidas pastas.

da Companhia a partir de 1861. A 31 de Julho transfere-se o noviciado do Colégio do Barro para esta nova instituição, sendo proposto por Rademaker em Agosto desse ano para director, o P. António Bernardino Barroso <sup>85</sup>, noviço da Companhia e antigo missionário em Macau. No ano seguinte enviam-se os primeiros missionários para Macau, com o fim de tomarem conta do seminário de S. José e de uma escola para alunos externos. Rademaker deixa-nos em forma de verso um testemunho sobre a entrega do antigo seminário aos jesuítas:

«Oh! Salve, remanso puro  
De estudo, de zelo e fé!  
Cernache, teu nome aplaudem  
China, Zambézia, Guiné!  
Tu, lembras ao mundo o dia,  
Quando entre nós florescia  
O ardor do zelo cristão! (...)  
Tronco que não te vergaste

Á força do furacão,  
Na tempestade desfeita  
Que assolou nossa nação!  
Cruz de pedra que sombreia  
As cinzas de glória cheias  
As cinzas do nosso país ...» <sup>86</sup>.

A Companhia procura expandir no país a sua rede de colégios e noviciados. Nesse mesmo ano de 1861, encontra-se o P. Rademaker em negociações para adquirir o antigo mosteiro beneditino de Tibães <sup>87</sup>, junto a Braga, para aí estabelecer um novo colégio. Carlos Rademaker desloca-se a Roma para conferenciar com o Geral da Companhia, Pedro Beckx, sobre a estratégia a adoptar. Volta para Portugal para concluir as negociações, conjuntamente com dois padres italianos: Catani e Santinelli. Contudo, as negociações goraram-se.

<sup>85</sup> Joaquim Campo SANTO, *op. cit.*, vol. 23, 1903, pp. 663-664.

<sup>86</sup> Carlos RADEMAKER, *Flores da Saudade*, Porto, 1928, pp. 246-247.

<sup>87</sup> Carlos RADEMAKER, *Autobiografia*, p. 10. O Mosteiro de Tibães foi a casa mãe da Ordem Beneditina em Portugal até à expulsão das ordens religiosas em 1834.

## 5. A Missão Portuguesa

O P. Francisco Rondina<sup>88</sup>, numa carta enviada ao Geral da Companhia relata o facto de o P. Rademaker não ter tido uma instrução jesuíta clássica, apontando este facto como causa de algumas falhas na organização e administração do Colégio de Campolide. No final de 1862 Rademaker é chamado pelos seus superiores para terminar a formação teológica. Carlos Rademaker parte em Setembro para Espanha, dirigindo-se para o Colégio Máximo de León. Cremos, que poderão ter existido outras razões para afastar o P. Rademaker de Portugal. Este sempre considerou que a extinção do internato para órfãos no Colégio do Barro, por ordem do Geral da Companhia, tinha sido um acto errado, o qual o desgostou bastante<sup>89</sup>. Por outro lado, consideramos que pode ter existido um certo receio em manter por mais tempo um português como responsável pelos jesuítas, no decorrer do complexo processo de restauração da Companhia em Portugal. Como sucedeu com outras ordens, poderia neste caso haver o perigo dos padres portugueses assumirem um pendor nacionalista na persecução dos objectivos da Companhia.

A Missão Portuguesa é oficialmente constituída dentro da Companhia em 1863, tendo como primeiro superior o P. Francisco Xavier Fulconis. Nesta época existem 44 jesuítas em Portugal. É nesse ano que a Companhia toma conta do Colégio de S. Fiel do Lourical, no distrito de Castelo Branco, criando um noviciado, conjuntamente com as aulas para alunos externos. Nessa época Carlos Rademaker encontrava-se em Roma a concluir a formação religiosa em Santo Eusébio com o P. Francisco Pellico<sup>90</sup>. Desta preparação resultou a realização das provas do terceiro ano de provação.

<sup>88</sup> P. Francisco Xavier Rondina (1827-1897). Missionário no Padroado português do Oriente, foi professor, pregador e escritor. Dirigiu o Colégio-seminário de S. José em Macau. Realizou missões na América do Norte, Brasil, Japão e na China. Publicou em Macau o *Compendio de filosofia teórica e prática para uso da mocidade portuguesa na China*, 2 vols., Tipografia do Seminário de S. José, 1869-1870. Esta obra será um contributo importante para o desenvolvimento da filosofia neotomista, servindo de referencial durante o séc. XIX. Escreveu ainda para a revista *Civiltá Catollica* a partir de 1882.

<sup>89</sup> Carlos RADEMAKER, *Autobiografia*, p. 11.

<sup>90</sup> Francisco Pellico foi P. Provincial de Turim em 1846, quando Rademaker tinha entrado no noviciado, desempenhando um importante papel na sua formação. É figura omnipresente durante os primeiros anos que Rademaker passa em Portugal afastado da Companhia, correspondendo-se frequentemente. É um dos fundadores da revista *Civiltá Catollica*, conjuntamente com Taparelli, Bresciani, Libearatore, Pianciani e Centurione. O

No regresso a Portugal em Abril de 1864, Rademaker fica hospedado na residência da rua do Quelhas. O seu estatuto dentro da Companhia não se encontra definido, a deferência para com ele é grande por parte dos seus correligionários, mas Rademaker não ocupa qualquer cargo formal dentro da estrutura da Missão Portuguesa. O reitor do Colégio de Campolide é o P. João Meagher <sup>91</sup>, os outros colégios mantêm os seus responsáveis. Carlos Rademaker encontra-se em Portugal como missionário <sup>92</sup>. Durante os anos seguintes vai desenvolver uma intensa campanha de evangelização, coadjuvado por outros sacerdotes, percorre o país, pregando e ouvindo em confissão milhares de pessoas. Durante o período da Quaresma realiza vários exercícios espirituais, entre estes, os tríduos sacros <sup>93</sup>. É neste período que se observa a expansão de uma obra por ele iniciada no início da década de cinquenta, a fundação de congregações para rapazes e de associações para raparigas dos Filhos de Maria <sup>94</sup>. Desenvolve esta actividade por todo o país, nomeadamente em Lisboa, Porto, Braga, Ourém, Viana, Guimarães, Famalicão, Barcelos e na ilha de S. Miguel (Açores). Estende as suas congregações aos vários colégios que os jesuítas têm em Portugal. Promove também a sua criação fora do país, quando se encontra em missão em Espanha e na Itália. Em Portugal é ainda director da Congregação Mariana <sup>95</sup>. Nesta actividade fundacional é por vezes acompanhado dos padres Luís Proserpi <sup>96</sup>, João Baptista Meli <sup>97</sup> e José da Assunção Borges.

---

P. Francisco Pellico é ainda irmão do célebre escritor italiano Sílvio Pellico, o qual foi um dos arautos do liberalismo italiano, tendo participado na resistência contra a ocupação austríaca, dá qual nos dá conta no seu romance *Le mie prigione*.

<sup>91</sup> Manuel Borges GRAÍNHA, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em Latim pelos Padres do mesmo Colégio onde foi encontrado o Manuscrito*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, p. 36.

<sup>92</sup> Conforme expressa Inácio de Loyola nas *Constituições*, o espírito de missão é um dos objectivos mais caros à Companhia. Cf. *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*, *op. cit.*, p. 24, § 3. Encara-se a missão como o acto de transmitir a palavra e a fé entre a comunidade católica e junto a outras confissões. É neste sentido que nos referiremos ao conceito de missão, ao longo do presente trabalho.

<sup>93</sup> Exercícios de devoção, realizados nos três últimos dias da semana santa.

<sup>94</sup> José Vitorino Pinto de Carvalho recordará anos mais tarde o papel de Rademaker na fundação de vários núcleos da «Pia União das Filhas de Maria» por todo o país, sublinhando o papel desempenhado por estas instituições na mobilização social para as causas da assistência social e apoio às famílias. Cf. José Vitorino Pinto de CARVALHO, «À memória da Padre Carlos João Rademaker», in *A Palavra*, ano XIV, nº 8, 20 de Junho de 1885.

<sup>95</sup> Durante os anos que passará em Itália na década de setenta, será director da influente Congregação Mariana dos Nobres, na igreja de Il Gesù.

O reconhecimento deste trabalho fundacional obteve-o Rademaker em 1871, quando a Associação das Filhas de Maria fundada em Lisboa recebeu uma carta do Núncio Apostólico, Luís Oreglia, que continha uma mensagem do Papa Pio IX a agradecer-lhe o empenho e o trabalho realizado.

### 5.1. As missões de evangelização do P. Rademaker

No seu constante deambular pelo país, Carlos Rademaker realiza *missões* no Algarve (Faro, Boliqueime, Estômbar, Silves, S. Bartolomeu de Messines), no Alentejo (Borba, Estremoz), na Estremadura (Setúbal, Torres Novas, Torres Vedras, Turquel, Pernes, Leiria), no Douro (Amarante, Oliveira de Azeméis, Arouca), no Minho (Braga, Barcelos, Famalicão, Póvoa de Varzim, Ponte de Lima, Viana do Castelo, Guimarães) e ainda em Trás-os-Montes e Beira Alta (Vila Real, Moncorvo e Lamego). Prega também nas grandes cidades de Lisboa e do Porto (incluindo Vila Nova de Gaia).

Entre as suas missões é célebre aquela requerida por D. Fr. Estevão, bispo de Angra. Em Dezembro de 1867 os padres Rademaker, João Rebelo de Meneses e Castro, Luís Prosperi e José Guerreiro viajam para os Açores com destino a Ponta Delgada e Ribeira Grande na ilha de S. Miguel. O escritor Bulhão Pato dá-nos conta nas suas *Cartas dos Açores*<sup>96</sup> do encontro com Carlos Rademaker, descrevendo-o como pessoa de «primorosa educação, excelente latinista e de erudição pouco vulgar». Ainda sobre o alcance da sua visita a S. Miguel relata-nos:

«[...] Famílias respeitáveis pela sua posição, virtudes, e não menos pela sinceridade das suas crenças, receberam-no com alvoroço e protegeram os intentos tanto dele como dos seus companheiros. O fermento era forte, a massa estava bem disposta: o pão levedou com rapidez. [...] Padre Carlos tinha pregado aqui três sermões: Fé, Esperança e Caridade. [...]»<sup>97</sup>.

Não é conhecido o texto destes sermões: fé, esperança e caridade, trilogia apresentada por Rademaker em oposição à revolucionária trilogia:

<sup>96</sup> Padre jesuíta trazido por Carlos Rademaker para Portugal. Foi o introdutor do Apostolado da Oração em Portugal em 1864 e a partir de 1869 será o director -geral desta influente organização no nosso país.

<sup>97</sup> Padre jesuíta que conjuntamente Carlos Rademaker funda em Portugal a Congregação de S. Luís Gonzaga em 1869, na cidade de Braga. Irá ainda promover a criação em Portugal da Associação do Coração Agonizante de Jesus.

<sup>98</sup> Bulhão PATO, *Cartas dos Açores*, Ponta Delgada, 1868, pp. 59-68.

<sup>99</sup> Id, *ibidem*, p. 63.

liberdade, igualdade e fraternidade. Os padres da Companhia aproveitam a sua estadia na ilha para fundar uma Associação das Filhas de Maria. A missão destes padres iria em breve provocar a polémica, tendo os sectores anticlericais clamado pela expulsão dos padres jesuítas, nomeadamente através da imprensa, onde sobressai a acção do periódico anticlerical *A Voz da Liberdade*. Os meios anticlericais procuravam impedir a reevangelização da população local, publicitando os efeitos nefastos das missões levadas a cabo pelos sacerdotes <sup>100</sup>. Por sua vez os católicos, no decurso desta controvérsia, fundam o periódico *Missão*, prolongando-se a polémica por longo tempo, mesmo depois dos padres terem concluído as suas missões na ilha.

O P. Rademaker desloca-se em 1868 à Casa da Companhia, em Loiola, onde a 15 de Agosto realiza a profissão solene de quatro votos, a qual significa um reforço dos laços com a Companhia, ficando a pertencer a um grupo restrito de padres, cujo compromisso com os princípios da Companhia é total. Este voto significa ainda uma promessa de obediência ao Papa, cumprindo uma missão consignada nas *Constituições* <sup>101</sup>, a de colocar-se ao serviço directo do Sumo Pontífice. Podemos compreender melhor o acto de Rademaker se recordarmos que tomou o quarto voto nas vésperas do I Concílio do Vaticano, iniciado em 1869. Este acto representa um compromisso total com o ultramontanismo, o qual seria expresso por Rademaker em variadas ocasiões. Observamos que o tema da infalibilidade pontifícia estará insistentemente presente nos sermões que o P. Rademaker prega após 1869.

Em Agosto de 1870, a infalibilidade pontifícia é tema da homília realizada na igreja de N. S. dos Mártires, em Lisboa <sup>102</sup>. No texto que nos chegou do sermão, Rademaker defende com vigor as teses apresentadas no I Concílio do Vaticano a favor do dogma da infalibilidade papal: «[...] negar hoje a infalibilidade Pontifícia, é negar a perpetuação da verdade na Igreja,

<sup>100</sup> Cf. Cón. PEREIRA, *As missões do Pe. Rademaker na ilha de S. Miguel, 1944-1945* e Fernanda ENES, «As polémicas missões dos anos sessenta de oitocentos em São Miguel» in Congresso Internacional de Missionaçãõ portuguesa e encontro de Culturas. Actas, vol. IV – Missionaçãõ: Problemática Geral e sociedade Contemporânea, Braga, 1993.

<sup>101</sup> *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares, op. cit.*, pp. 157-160, § 603-616.

<sup>102</sup> Carlos João RADEMAKER, *Discurso em Aplauso à Definição Dogmática pronunciada pelo Santo Concílio do Vaticano sobre a Infalibilidade do Sumo Pontífice*, Lisboa, Tipografia Universal, 1870. O P. Segundo Franco incluirá este discurso numa colectânea de textos sobre a religião católica intitulado, *Respostas populares às objecções mais comuns contra a religião*, Lisboa, 1878.

é negar a divindade do Catolicismo e que esta expressão, “sou católico, mas nesse dogma não creio”, é uma puerilidade, e um absurdo»<sup>103</sup>. Esta apologia ao dogma, pregado em presença de monsenhor Luís Oreglia<sup>104</sup>, Núncio Apostólico em Portugal e velho conhecido de Rademaker, enuncia os combates do século, nomeadamente o «erro protestante», sublinhando no seu sermão a dimensão do novo dogma:

«Que diz a voz de Deus? Que diz ela ao mundo no mar encapelado da sociedade moderna, pelo órgão infalível da Igreja, Esposa do Verbo, que é a sabedoria do Eterno Pai? Povos e monarcas, governantes e governados! Homens das tradições antigas e das aspirações novas, vós discutis sobre o modo como vos haveis de reger; disputais entre vós sobre qual será melhor, se terdes à vossa frente reis que herdaram coroas, ou presidentes que se elejam pelo sufrágio universal; andais vendo qual vos convirá mais, se constituir-vos em republicas ou em impérios: ficai sabendo contudo que há uma lei que está acima de todas as leis de quaisquer impérios ou repúblicas; essa lei não se pode discutir: essa lei foi Deus quem a fez e a impôs aos homens, quer aos homens como indivíduos, quer aos homens como sociedade, [...]»<sup>105</sup>.

Rademaker considera o presente momento como de crise, «que esta é uma época de transição, em que sobre as ruínas dos antigos sistemas de legislação humana se vai edificar, o quê?»<sup>106</sup>. Na resposta que dá, descreve os hábitos contemporâneos e caracteriza a sua sociedade, criticando a divinização da razão e a procedência pública da autoridade, concluindo que a única forma de obstar à dissolução do mundo moderno é através do reforço da autoridade pontifícia.

Nesta época, Carlos Rademaker assume com redobrado empenho o seu trabalho de missão interna, realiza em 1870 várias missões evangelizadoras no país, acompanhado pelo P. Meli e P. João Rebelo Cardoso Menezes. Aproveita esta ocasião para fundar mais núcleos da Associação das Filhas de Maria. Prega no Norte: em Vila Real, Ponte de Lima, Marco de Canaveses e Póvoa de Varzim, realizando outras missões em Vila Nova de

<sup>103</sup> Id, *ibidem.*, p.5.

<sup>104</sup> Luís Oreglia di Santo Stefano (1828-1913). Nobre italiano, sobrinho do conde de Solaro della Margherita (ministro do rei Carlos Alberto, do Piemonte). Estuda teologia e literatura, obtendo brilhantes resultados. Segue a carreira eclesiástica, entrando como prelado doméstico ao serviço de Pio IX em 1858. Reside em Portugal na qualidade de Núncio Apostólico entre 1868 e 1873. Posteriormente, é elevado à dignidade cardinalícia.

<sup>105</sup> Carlos João RADEMAKER, *op. cit.*, p. 19.

<sup>106</sup> Id, *ibidem.*, p. 17.

Gaia, Landim, Esposende, Amarante e Moncorvo, adoecendo depois, e por essa razão, regressando a Lisboa.

É convidado em 1871 para a peregrinação a N. S. do Sameiro. Aí realiza o sermão de 25 de Janeiro, com o fim de obter a «restauração da independência do Sumo Pontífice». Nesta reunião de crentes, organizada pela Comissão Católica de Braga e que congregou para cima de 60.000 pessoas, Rademaker discursa sobre a independência e liberdade do Papa Pio IX: «[...] como Papa, tem deveres para cumprir, e não os pode cumprir sem ser completamente livre; também o Catolicismo tem deveres, e para os poder preencher precisa da independência e liberdade do papa, e por isso tem o direito de a exigir.»<sup>107</sup> A actividade em prol de um catolicismo ultramontano e o combate à heresia protestante levam a que os actos de Rademaker assumam uma maior visibilidade pública.

Nesse mesmo ano, dá à estampa o opúsculo *A Viuva do Ministro. Episódios sobre a Propaganda Protestante, pelo padre C. J. Rademaker*, obra de ficção didáctica onde se expõem as razões pelas quais deve ser combatida a fé protestante, quais os artifícios utilizados pelos seus ministros e como devem reagir os católicos. Este opúsculo dirigido à pequena burguesia católica, procurava alertar para os perigos lançados pelo proselitismo protestante em Portugal<sup>108</sup>. Através das suas personagens, Rademaker introduz os argumentos anti-protestantes, reforçando o texto com várias citações bíblicas. No final da obra, a viuva protestante acaba por se converter ao catolicismo e compreender que perseverou no erro durante a sua vida.

No ano de 1871, a Missão Portuguesa sofre um duro revés ao ver expulsos de Macau os seus missionários. O governo reassume a direcção do Colégio das Missões Ultramarinas e o seminário de S. José em Macau. Contudo, a Missão Portuguesa da Companhia, conserva as suas várias casas e colégios em Portugal.

## 5.2. O exílio forçado

No final de 1871 realizou-se no Porto o I Congresso dos Escritores e Ora- dores Católicos, abrindo a primeira sessão a 27 de Dezembro e encerrando a

<sup>107</sup> *Discurso pronunciado em ocasião das preces publicas na peregrinação ao Monte Sameiro para obter de Deus a restauração da independência do Sumo Pontífice pelo Padre João Carlos Rademaker*, Braga, Tipografia Lusitana, 1871, p.11.

<sup>108</sup> Cf. François GUICHARD, «Le Protestantisme au Portugal», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXVIII, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990 e Manuel Pedro CARDOSO, *História do Protestantismo em Portugal*, Lisboa, Figueira da Foz, Cadernos C.E.R., n° 2, 1985.

5 de Janeiro de 1872. Nesta reunião estiveram presentes alguns dos mais conhecidos defensores do catolicismo como o conde de Samodães, Francisco Correia de Lacerda; o Rev. Barroso; António Moreira Belo e o visconde de Azevedo. É criado meses mais tarde por influência deste evento, o jornal católico *A Palavra*, o qual contribuiu para divulgar as actividades e o pensamento de um vasto grupo de católicos que pretendiam intervir mais activamente na política nacional, visando a futura criação de um partido católico <sup>109</sup>.

Nessa época o P. Carlos Rademaker deslocou-se por várias vezes ao Porto para pregar. Em 1872 realiza igualmente vários sermões no burgo portuense. No mês de Maio, rebenta na cidade uma polémica envolvendo os padres da Companhia e que tem como motivo as actividades anti-liberais desenvolvidas pelos «jesuítas e lazaristas» <sup>110</sup>. Esta questão surge com as queixas que chegam à redacção do *Diário da Tarde*, jornal republicano recém-criado. Um dos redactores, Agostinho Albano da Silveira Pinto, assina um cáustico artigo sobre a infalibilidade pontifícia, onde ataca directamente Rademaker «[...] O padre Carlos Rademaker, filho de um criado do infante D. Miguel de Bragança, depois de ter ido educar-se, e professar no instituto de Loyola de Roma a esta cidade do Porto, no ano de 1865, se bem me recordo, e se não veio antes, pregou a novena do Carmo com generalíssima aprovação de todos os miguelistas desta terra, seus ouvintes certos, e companheiros inseparáveis.[...]» <sup>111</sup>. Este artigo seria o prenúncio da guerra travada nos meses seguintes pelo *Diário da Tarde* e o *Bem Público*, tendo este último assumido a defesa do jesuíta e dos outros clérigos visados.

Durante os meses seguintes assiste-se a uma verdadeira batalha entre a Igreja portuense e os sectores anticlericais da cidade. Os liberais do *Diário da Tarde* criticam a criação das associações do Coração de Maria; Filhas de Maria e S. José; o trabalho de púlpito e confessionário dos «jesuítas e fanáticos reaccionários», bem como a proselitização ultramontana entre os católicos portuenses <sup>112</sup>. Os jesuítas e lazaristas que se encontram no Porto concitam a maior parte das atenções, sendo convocado pelo mesmo periódico um *meeting* anti-jesuítico, realizado a 16 de Junho no Salão das

<sup>109</sup> Cf. João F. de Almeida POLICARPO, *O Pensamento Social do Grupo Católico de "A Palavra" (1872-1913)*, Vol. I, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1997; Lisboa, INIC, 1992.

<sup>110</sup> *Diário da Tarde*, nº 207, 27 de Maio de 1872.

<sup>111</sup> Id, *ibidem*.

<sup>112</sup> «Sermão Revolucionário», in *Diário da Tarde*, nº 214, 5 de Junho de 1872.

Portas do Sol, o qual reuniu elementos de vários partidos <sup>113</sup>. Aí evocou-se a legislação Pombalina, o papel protagonizado pela cidade nas guerras liberais, criticando-se a atitude do prelado portuense, pela protecção manifestada aos pregadores que *assolavam* a cidade <sup>114</sup>. Um suposto membro do clero, em carta publicada no *Diário da Tarde*, denuncia o comportamento do bispo portuense, D. Américo Ferreira dos Santos Silva: «A natural delicadeza e ingenuidade do sr. bispo D. Américo, facilitando o ingresso do jesuitismo no seu paço, e na sua pastoreação, vai comprometendo bastante as promessas que o precederam, e põem de sobreaviso o seu clero, [...]» <sup>115</sup>. As atenções que recaem sobre o prelado, devem-se à tarefa que este incumbira os sacerdotes alvo dos ataques: a formação dos «ordinandos do bispado». A campanha anticongreganista prossegue durante os meses de Junho e Julho, procurando Agostinho Albano fazer causa comum entre os partidos da época, na luta contra a reacção: «Não somos reformistas, nem históricos, nem regeneradores, mas sim liberais e do partido mais avançado» <sup>116</sup>. Urbano Tavares, outro dos redactores do *Diário da Tarde*, num sugestivo artigo intitulado «Uma vítima do padre Beirão» aponta os efeitos nefastos da educação religiosa e da influência crescente do clero no seio da sociedade portuense. Referindo-se especificamente ao P. Beirão acusa-o de desviar as jovens que frequentam o seu colégio, relatando o «[...] facto de haver entrado em Rilhafoles uma educanda de 22 anos de idade, do colégio do padre Beirão às escadinhas de S. Roque, possuída de monomania religiosa. [...]» <sup>117</sup>. Neste artigo, entre os vários clérigos citados, aponta-se nomeadamente os padres Sinigaglia <sup>118</sup> e Rademaker. Este assunto toma entretanto maiores proporções. As críticas aos jesuítas, nomeadamente a Carlos Rademaker e ao trabalho por ele desenvolvido com a criação de Associações das Filhas de Maria em várias localidades, assume contornos de polfícia, sendo Rademaker acusado de desviar para a actividade religiosa as filhas das famílias portuenses <sup>119</sup>. Nesta campanha é

<sup>113</sup> Na relação de nomes citados pela redacção do jornal constam Tomáz de Oliveira Lobo (progressista), Custódio José Vieira (regenerador) e os republicanos Manuel de Arriaga, Adolfo Coelho e Teófilo Braga.

<sup>114</sup> «Representação Contra os Jesuítas», in *Diário da Tarde*, nº 223, 17 de Junho de 1872.

<sup>115</sup> «O Sr. Bispo do Porto», in *Diário da Tarde*, nº 228, 22 de Junho de 1872.

<sup>116</sup> «Resposta», in *Diário da Tarde*, nº 238, 6 de Julho de 1872.

<sup>117</sup> «Uma victima do Padre Beirão», in *Diário da Tarde*, nº 242, 11 de Julho de 1872.

<sup>118</sup> Pensamos que se trata do P. Sangalli que conjuntamente com os padres Leonardo Guarmani e Joaquim da Natividade habitavam a casa da Companhia no Porto.

<sup>119</sup> «Sermão Revolucionário», in *Diário da Tarde*, nº 216, 5 de Junho de 1872.

resgatado com precisão todo «o legado antijesuítico de Pombal», tornando-se a imprensa portuense o principal veículo de um discurso anti-congreganista arraigado na tradição liberal regalista e escorado em argumentos herdados da mitologia jesuítica <sup>120</sup>.

Na sequência do agravamento da campanha portuense liderada pelo *Diário da Tarde*, a Companhia de Jesus decide afastar em Julho desse ano o P. Rademaker de Portugal, o qual se dirige para a Biscaia, onde fica alojado no Colégio de Ordunha. Desgostoso da perseguição sofrida, Rademaker publicará alguns anos mais tarde a poesia «Ingrata Pátria», reflexo da polémica portuense de 1872 <sup>121</sup>.

A partir da sua nova casa em Espanha, o Colégio de Ordunha, Rademaker realiza várias missões de evangelização entre Junho de 1872 a Novembro de 1874. Pela carta dirigida a José Vitorino Pinto de Carvalho <sup>122</sup>, datada de Junho de 1873, é de crer que a vida do padre Rademaker corresse sem grandes sobressaltos. Neste colégio lecciona filosofia, língua inglesa e francesa, aproveitando o tempo para reunir os apontamentos da peregrinação que fizera em 1871 ao Monte Sameiro, publicando-os na cidade de Braga em 1874, sob a forma de novela <sup>123</sup>. Esta obra de ficção pretende divulgar a posição da Igreja sobre a tomada de Roma e a sua anexação pelo estado italiano, evocando a imagem de um Papa prisioneiro, mártir de um século impiedoso e blasfemo. Numa linguagem popular dirigida a pessoas simples, com poucas letras, evoca o sentimento católico do povo português do interior na descrição das suas personagens, como «[...] um casal de lavradores mais rico de crenças e de virtude, que abastados de fortuna [...] par de portugueses de lei [...]» <sup>124</sup>. Esta novela evidencia a necessidade do catolicismo do séc. XIX operar uma renovação contra o *século* – designação de um mundo laico e liberal denunciado na *Syllabus*. Nessa reacção, o

<sup>120</sup> Sobre a questão da representação da Companhia de Jesus no discurso histórico, jornalístico e literário do século XIX veja-se: Fernando CATROGA, «O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911)», in *Análise Social*, Lisboa, Vol. XXXIV (100), 1988, pp. 211-273 e ainda Eduardo FRANCO e Bruno Cardoso REIS, «O Padre António Vieira na literatura anti-jesuítica (Sécs. XVIII-XX)», in *Brotéria*, vol. 145, n.º 4/5 (Out./Nov.), 1997, pp. 493-522.

<sup>121</sup> Carlos RADEMAKER, *Autobiografia*, p. 13.

<sup>122</sup> «À memória da Padre Carlos João Rademaker», in *A Palavra*, ano XIV, n.º 9, 21 de Junho de 1885.

<sup>123</sup> Carlos João RADEMAKER, *Pio IX, Papa e Rei ou episódios de uma Peregrinação ao Sameiro pelo autor da Viuva do Ministro, Comissão de S. Luís Gonzaga*, Braga, Tipografia Lusitana, 1874.

<sup>124</sup> Id, *ibidem*, p. 3.

Papa deveria ser o timoneiro, a pessoa à volta da qual o mundo católico se devia unir para lutar. Esta apologia ultramontana prosseguia nas suas explicações teológicas a dogmatização da infalibilidade, explicando os valores em que assentava, ao exemplo de outros trabalhos publicados anteriormente por Rademaker. Nessa obra refutam-se ainda os princípios advogados por Manuel Nunes Giraldes em 1870, quando propôs em *O papa rei e o concílio*<sup>125</sup> que a igreja católica devia circunscrever a sua actividade a assuntos de foro espiritual. Rademaker critica não apenas as ideias advogadas pelos sectores anticlericais, como também os católicos liberais que se insurgiram contra a dogmatização da infalibilidade pontifícia, caso do teólogo alemão Doellinger.

### 5.3. O Colégio Latino-Americano em Roma

Chamado para Roma em 1875, inicia um novo e movimentado período da sua vida, de intensa actividade missionária. Nas cartas de Roma, publicadas no *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, conta-nos as suas actividades em Itália. Realiza missões de evangelização em Pesaro, Civita-Vecchia, Génova, Bolonha e Mompea, visitando Turim e detendo-se em Roma.

Nesta cidade dá aulas no Colégio Pio Latino-Americano, onde ensina língua e literatura portuguesa aos alunos brasileiros, lecciona ainda prelecção sagrada para os alunos de teologia durante este período, realizando vários exercícios espirituais na capela Paulina. Irá pregar a Quaresma nas igrejas de Santa Maria Maior e Il Gesù. Convive com a comunidade portuguesa em Roma, nomeadamente com os seus mais altos representantes: Costa Cabral (conde de Tomar), ministro de Portugal junto à Santa Sé e o visconde Gomes de Castro, ministro de Portugal junto à corte italiana. Carlos Rademaker tem ainda tempo para fazer as suas peregrinações pela cidade eterna, nas descrições que nos deixa de Roma podemos compreender melhor o que em tempos de perseguição o sentimento ditava a um padre ultramontano: «[...] dirigi-me pela rua do Corso à Igreja de Nossa Senhora *in via Lata*, para fazer a minha visita ao subterrâneo aonde esteve preso S. Paulo por dois anos, e aonde ao Evangelista S. Lucas ele ditou o livro dos *Actos dos Apostolos*,[...] Não posso deixar de confessar que me

---

<sup>125</sup> Manuel Nunes GIRALDES, *O Papa-Rei e o Concílio*, Lisboa, Tipografia Universal, 1870.

lembrou que assim como os carcereiros de S. Paulo se converteram, a mão de Deus não está abreviada, [...], peçamos-lhe pois que converta os que são hoje carcereiros do sucessor dos Apóstolos, já que seu coração é tão amoroso e sua misericórdia tão infinita, que a todos chega.»<sup>126</sup>.

Em Civita-Vecchia, onde se desloca para pregar, aproveita para se restabelecer de uma nova recaída da sua saúde. Aqui encontra a estanciar Garibaldi, para o qual reserva na sua correspondência o expressivo substantivo de flibusteiro. Em Agosto de 1875 é encarregado pelo Geral da Companhia de se dirigir a Marselha onde visita uma das obras da Companhia, o Hospital de S. Bartolomeu. De regresso a Itália, realiza vários exercícios espirituais para o clero local e confissões gerais: em Pesaro, Génova e Roma. Antes de partir novamente para Espanha, descreve-nos o ambiente na cidade de Roma, criticando a degradação dos costumes da época, como o delírio das festas populares, nomeadamente o Carnaval, o qual condenará: «Das coisas religiosas, daqui em particular, e das do orbe católico cujo centro é Roma, cifram-se as noticias numa palavra só – perseguição, mais ou menos encapotada por toda a parte – Aonde iremos nós parar? [...] Quem tivesse estado em Roma nestes dias passados não tinha por certo muito tempo para se edificar. Teria visto um povo, que herdeiro dos que gritavam “pão e circenses” não pensava senão em divertir-se. Causava não sei se dó, nojo ou indignação, [...]»<sup>127</sup>.

No período em que se encontra em Roma, as actividades de Carlos Rademaker não se circunscrevem ao sacerdócio e à prática docente. É chamado ao Vaticano pela Congregação do Índice para analisar e dar o seu voto sobre várias obras presentes no índice<sup>128</sup>. Em carta dirigida ao seu amigo José Vitorino Pinto de Carvalho<sup>129</sup>, noticia que lhe foi atribuído a análise do processo de beatificação do condestável D. Nuno Alvares Pereira. Antes de abandonar Roma, Carlos Rademaker terá uma audiência

<sup>126</sup> Carlos RADEMAKER, «Correspondência de Roma (Carta de 21 de Julho de 1875)», in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 2, 1875, p. 170.

<sup>127</sup> Carlos RADEMAKER, «Correspondência de Roma (Carta de 1 de Março de 1876)», in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 3, 1876, pp. 18-22.

<sup>128</sup> As obras apresentadas ao P. Rademaker foram as seguintes: *A Luz e as Trevas*, sermão do Espírito Santo pregado na matriz de Jundhiay em 17.5.1875 e *O Brasil Mistificado* pelo dr. Joaquim do Monte Carmelo, cônego da Sé de S. Paulo; *Selecta Nacional – Curso Prático de Literatura Portuguesa* por F. Júlio Caldas Aulete e ainda o *Monasticon* de Alexandre Herculano.

<sup>129</sup> «À memória do Padre Carlos João Rademaker», in *A Palavra*, ano XIV, nº 9, 21 de Junho de 1885.

particular com o Papa Pio IX, na qual este se informa sobre a situação social e política em Portugal <sup>130</sup>.

#### 5.4. A evangelização por terras de Espanha

Por motivos de saúde, uma vez mais Rademaker é obrigado a descansar antes de cumprir as ordens que tinha para ir ao Colégio de S. Luís Gonzaga, em Puerto de Santa Maria (Cádiz). Viaja para o Sul de França, indo tomar águas a Capvern, nos Pirinéus Orientais, e demorando-se em Biarritz, onde ficará até ao final de 1876. Restabelecido, Carlos Rademaker inicia outro período agitado de missão na Diocese de Cádiz. Volta ao púlpito, acompanhando também a visita pastoral do arcebispo de Toledo. Em Granada é acolhido numa residência da Companhia, à volta da cidade realiza várias missões com outros padres jesuítas. Rademaker deixa-nos uma descrição desta acção evangélica na revista da Companhia, *Cartas de Poyanne*: «El domingo 16 de Diciembre concluimos [...] con una nueva Comunion general, ascendiendo aproximadamente à 2000 las personas que en cada una de las referidas Iglesias tomaron parte en el Celestial Banquete» <sup>131</sup>, no cômputo geral da missão foram realizadas mais de 22 mil comunhões, revelando-nos a extensão e eficácia da acção destes padres jesuítas. Carlos Rademaker continuará esta tarefa em terras de Espanha, realizando um conjunto de missões por Badajoz, Vigo, Tui, Corunha, Oviedo, Valadolide, Pontevedra, Córdova, Madrid, Ciudad Real, Almeria e Haro.

Em 1879, no âmbito da cruzada movida contra o protestantismo, Rademaker publica uma das suas obras mais conhecidas, *Vinte e Cinco por Cento! Aos cem disparates dos protestantes, vinte e cinco respostas sem réplica por um que leu a bíblia* <sup>132</sup>. Esta obra impressa em Vigo, a expensas do bispo de Tui, D. João Valera, terá uma rápida difusão por toda a Península Ibérica, realizando-se edições em várias idiomas, como o latim, o italiano, o francês, o espanhol e inclusive o inglês. Neste livro procura-se desmascarar a fé protestante, adoptando-se uma fórmula em que o autor vai colocando as principais questões que o protestantismo

<sup>130</sup> Carta de 19 de Abril de 1876 de José Vitorino Pinto de CARVALHO, «À memória da Padre Carlos João Rademaker», in *A Palavra*, ano XIV, n° 8, 20 de Junho de 1885.

<sup>131</sup> Carlos RADEMAKER «Ejercicios en el Seminario. Mision en la Ciudad», in *Cartas de Poyanne*, n° 7, 1878, pp. 47-51.

<sup>132</sup> Carlos RADEMAKER, *Vinte e Cinco por Cento! Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem réplica. Por um que leu a Bíblia*, Vigo, 1879.

levanta ao catolicismo, respondendo-lhes. O autor recorre neste caso à dogmática católica, servindo-se abundantemente de citações bíblicas. O texto é dirigido para um público abrangente, popular, numa linguagem fácil e didáctica. Esta é a última obra publicada pelo P. Rademaker, pese embora continue a colaborar com alguns periódicos e a enviar regularmente as suas poesias para a revista o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*.

## 6. A Província Portuguesa

Em 1880 a Companhia de Jesus tem o poder e força necessária para instaurar uma Província Portuguesa. O P. Vicente Ficarelli, Superior da Missão desde 1866 será o primeiro responsável da Província. Em Abril de 1880 Rademaker regressa a Portugal para visitar o irmão Daniel, o qual se encontra moribundo. Nesta ocasião percorre várias casas da Companhia, deslocando-se a Setúbal, Porto e Braga, dirigindo-se depois para a Galiza, onde continua o seu trabalho de missionação em Vigo e Pontevedra. No ano de 1882 realiza várias pregações em Madrid e Ciudad Real. Estas missões alcançam bastante sucesso. No Sul de Espanha acompanha o arcebispo de Granada, Bienvenido Mónzon, numa visita pastoral, dá confissão a várias centenas de pessoas, realizando exercícios espirituais junto do clero local. Estas missões são descritas por Rademaker com bastante pormenor, nomeadamente os exercícios propostos ao clero e aos crentes<sup>133</sup>. Após estas missões regressa por breve tempo a Portugal, passando pelos colégios de Campolide, Barro e S. Fiel. Nesta época é ainda encarregado de ir a Goa, para acompanhar o processo de nomeação de um bispo coadjutor do arcebispo D. António Sebastião Valente. Contudo, por motivos de saúde, esta viagem não se chegou a concretizar. De regresso a Granada, Rademaker funda em 1883 uma congregação dedicada a S. Luís Gonzaga. Pela Páscoa do ano seguinte participa na Congregação Provincial de Murcia, realizada com o objectivo de eleger o novo Vigário Geral da Companhia, o qual será António Maria Anderley.

### 6.1. Os últimos anos

Com a saúde debilitada é-lhe ordenado o regresso a Portugal. A sua primeira missão no país foi realizada no Seminário de Santarém, organizando

<sup>133</sup> Carlos RADEMAKER, «Cartas de Espanha», in *Semana Religiosa Bracarense*, Braga, vol. 8, n.º 365, 17 de Maio de 1882 e vol. 8, n.º 366, 24 de Maio de 1882.

um retiro espiritual para seminaristas; dirigindo-se depois para o Colégio da Formiga (Ermesinde) <sup>134</sup> onde realizou outro retiro. Vai a seguir para Braga onde se encontrou com o seu velho amigo P. João Baptista Meli, Superior da residência de S. Barnabé, aí deu retiro ao clero, confessando e doutrinando o povo. Carlos Rademaker viveu os últimos anos de vida em Braga, aí organiza o seminário Menor de Santo António e S. Luís Gonzaga, que abre em Outubro de 1884. Este seminário, também conhecido como quartel de S. Luís Gonzaga era destinado a estudantes pobres que pretendiam seguir o sacerdócio.

Por motivos de saúde Rademaker abrandou o ritmo do seu trabalho, e pelos mesmos motivos teve de se deslocar a Lisboa durante o ano de 1884. A 5 de Abril de 1885, encontrando-se já enfraquecido pela doença <sup>135</sup>, prega o último sermão na igreja de Santa Brígida. A 6 de Junho de 1885, às duas horas da madrugada, morria no Colégio de Campolide.

As reacções ao desaparecimento de Carlos Rademaker são bem diversas. A imprensa católica faz o elogio à obra do padre. Alguns dos artigos surgem com pequenas biografias e inclusive a sua fotografia. O jornal católico *A Palavra* tece um longo elogio à sua obra e carácter excepcional <sup>136</sup>. Ainda neste periódico, um seu antigo aluno, Júlio de Moraes, elabora uma biografia que termina na apologia da morte feliz «[...] prostrado por uma pertinaz enfermidade, adormeceu na terra para acordar no céu, como piamente cremos, e dali, junto ao trono do Altíssimo, por certo se não esquecerá de rogar por todos nós zelo e perseverança no bem.» <sup>137</sup>. No jornal *O Comércio de Portugal* escreve-se: «Se se tivesse conservado ali [na Nunciatura] é muito provável, se não certo, que teria atingido os mais altos lugares da hierarquia eclesiástica. Modesto e desprendido de ambições, o padre Rademaker nunca pensou em elevar-se. Um belo dia largou o emprego da Nunciatura e destinou-se exclusivamente a ensinar crianças

---

<sup>134</sup> Colégio fundado por Luís Correia de Abreu, conhecido pedagogo nascido em Santo Tirso, que perfilhava simpatias por D. Miguel. Viveu exilado em Paris antes de regressar a Portugal em 1842. Participa em Paris na fundação do Colégio de Fontenay-aux-Roses (1838) e em Portugal funda o Colégio da Formiga (1842) em Ermesinde e o Real Colégio de D. Fernando (1849) em Landim.

<sup>135</sup> Pouca informação nos chegou sobre a doença que aflige Carlos Rademaker. Sabemos que sofria de perturbações gástricas e que por diversas vezes teve de fazer longos tratamentos. Cremos no entanto que a sua morte poderá estar relacionada com uma angina de peito, causa apontada por Ambrósio PINA, *op. cit.*, p. 271.

<sup>136</sup> «Falecimento», in *A Palavra*, ano XIII, nº 294, 9 de Junho de 1885.

<sup>137</sup> Júlio de MORAIS, «Respeitosa homenagem à memória do muito Rev. Padre Carlos João Rademaker», in *A Palavra*, ano XIII, nº 294, 9 de Junho de 1885.

pobres! Que as bênçãos das crianças o acompanhem ao túmulo, e que ele repouse em paz!»<sup>138</sup>.

Os jornais republicanos como *O Século*, ignoram o facto, acompanhando no entanto com profusão de pormenores as exéquias em Paris do escritor Vítor Hugo. Enquanto o *Diário Ilustrado* publica uma pequena biografia onde exalta as suas qualidades de orador: «[...]Propagandista hábil, orador simpático, insinuante, e prestigioso eloquentíssimo como poucos temos ouvido, o Padre Rademaker fazia-se escutar com entusiasmo, até mesmo por aqueles que não professavam as suas ideias e lhe eram adversos.[...]»<sup>139</sup>. Por sua vez a revista *O Ocidente* apresenta uma breve nota biográfica acompanhada de uma gravura<sup>140</sup>. Faz o elogio ao homem, demarcando-se no entanto das suas ideias.

Na revista *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, o P. José Afonseca Matos, não se furta a uma biografia piedosa, a qual termina com a descrição das exéquias, que tiveram lugar em Lisboa: «[...] O ofício e enterro do Pe. Carlos foram muito concorridos, especialmente pela classe eclesiástica, como era natural. Exéquias e missas por sua alma se tem celebrado em muitas cidades, vilas e aldeias de Portugal e Ilhas, sobressaindo talvez Braga, onde assistiu o sr. Arcebispo Primaz, Cónegos, Seminário e varias corporações; o Porto, onde se celebraram exéquias esplendidas, pregando o eloquente amigo do finado, o sr. Cónego Santos Monteiro; e Lisboa onde se tem multiplicado as missas de devoção por sua alma, havendo dias de três anunciadas em diferentes pontos da cidade.[...]»<sup>141</sup>.

À laia de epitáfio, o *Diário Ilustrado* publicaria o seu auto-retrato, escrito em verso, onde podemos encontrar uma ironia sempre presente na escrita de Rademaker, e já assinalada pelos seus primeiros biógrafos.

Tenho uma cara de mono  
Com dois óculos no nariz;  
No meu rosto de mulato  
Cada venta é um chafariz

Visto casaco sebento  
Que quase me chega aos pés

<sup>138</sup> *O Comércio de Portugal*, 7 de Julho de 1885.

<sup>139</sup> *Diário Ilustrado*, ano XIV, nº 4366, 25 de Junho de 1885.

<sup>140</sup> «O Padre Carlos Rademaker», in *O Ocidente*, ano VIII, vol. 8, nº 235, 1 de Julho de 1885, pp. 146-148.

<sup>141</sup> José Afonseca de MATOS, «Carta 43ª a um velho portuguez na Asia», in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, nº 53, vol. 5, 1885, p. 316.

E uma calças remendadas  
Que um reles mestre me fez

Trago pitada nos dedos,  
Na algibeira nem real,  
Negra voltinha ao pescoço  
Resto do meu enxoval

Quico russo na cabeça,  
Bota rota em cada pé:  
E eis aqui para o seu álbum  
O meu retractor qual é

Cumpro assim o prometido,  
Mandando, como devia,  
A derradeira edição  
Da minha fotografia». <sup>142</sup>

### III. Conclusão

A vida do jesuíta Carlos João Rademaker aparece-nos como um percurso singular para a sua época. A formação e educação em Itália terá sido preponderante para o seu sucesso como sacerdote e orador conceituado. Pertencendo a uma influente família *miguelista*, bem relacionada com a aristocracia romana, como com importantes dignidades eclesiásticas, Carlos Rademaker moveu-se num círculo selecto de amizade e conhecimentos para a época. A teia de relações informais em que se move inclui vários membros da nobreza, como os marqueses de Valada e do Lavradio; a infanta D. Isabel Maria, o chefe do Partido Histórico e presidente do ministério – marquês de Loulé; o marquês da Fronteira e o próprio rei D. Pedro V.

Recordemos que será no período de maior crispação social em relação à questão das Irmãs da Caridade, o momento em que o P. Rademaker consegue introduzir a Companhia de Jesus em Portugal. Nesse período que vai de 1858 a 1862, funda dois colégios e dois noviciados da Companhia, ficando os jesuítas ainda encarregues do Colégio das Missões Ultramarinas (seminário de Cernache do Bonjardim). Neste mesmo período chegam a Portugal vários padres jesuítas oriundos de Espanha, França, Inglaterra e principalmente de Itália. Não podemos esquecer que durante

<sup>142</sup> «O meu retractor», in *Diário Ilustrado*, ano XIV, nº 4366, 25 de Junho de 1885.

este espaço de tempo, Rademaker para além da proximidade ao poder, contava com o apoio da representação diplomática da Grã-Bretanha em Lisboa. A estratégia de implantação da Companhia em Portugal, com base nas fontes consultadas não é ainda evidente, mas destacam-se quatro pontos importantes:

1. O papel atribuído à criação de colégios, que servem como meio de difusão da Companhia de Jesus no país. A criação dos noviciados e a possibilidade que estes oferecem para acolher nas suas instalações, de forma discreta, os padres da Companhia. A rede de conhecimentos e cumplicidades criadas com as famílias ilustres da época, que colocam os seus filhos nos colégios da Companhia.

2. A reorganização do Padroado do Oriente e a entrega do Seminário de Macau e do Colégio das Missões Ultramarinas à Companhia de Jesus irá permitir que esta interceda activamente no processo de missionação do Oriente. Permitindo-lhe preparar os futuros sacerdotes para um vasto território.

3. A realização periódica de missões de evangelização permitirá fomentar uma rede informal de contactos distribuídos por todo o país. Nestas missões é importante realçar o trabalho de preparação do clero secular como a realização de exercícios espirituais e pregação, orientado para as comunidades locais. A prática do sermão ganhou bastante popularidade na época, sendo um eficaz meio de chegar à indiferença ou à animosidade existente nas comunidades locais para com a Igreja.

4. A criação de associações femininas e congregações masculinas em inúmeras localidades, irá reforçar o culto mariano, sendo relevante o trabalho realizado pelo P. Rademaker com a fundação em Portugal de várias associações das Filhas de Maria.

A actividade da Companhia de Jesus em Portugal foi sempre discreta e prudente. Apesar dos diversos apelos do P. Rademaker desde que se ordenou sacerdote em 1851, só seis anos mais tarde é que o Geral da Companhia, Pedro Beckx, se decidiu a restaurá-la em Portugal. É de salientar que após um período inicial de cinco anos, nos quais o Superior dos jesuítas em Portugal foi o P. Rademaker, este cargo foi delegado em padres estrangeiros, primeiro em Francisco Xavier Fulconis, e depois em Vicente Ficarelli, com o qual a Missão é elevada a Província Portuguesa.

É possível distinguir dois momentos diferentes na atitude de Carlos Rademaker em relação à Companhia de Jesus. Os primeiros anos da

actividade sacerdotal de Rademaker pautam-se pelas inúmeras diligências para aderir à Companhia e paralelamente pelo desenvolvimento da sua obra mais estimada, o Instituto de Caridade. O crescimento deste instituto é acompanhado por um aprofundamento na sua relação com a Companhia. Em 1857 faz os votos simples, no ano seguinte irá mudar o colégio para Campolide. No entanto, desde 1858 com a entrada dos padres da Companhia em Portugal, os objectivos mudam. Em 1861, o projecto pessoal do Instituto de Caridade encontra-se sem condições para continuar por determinação da Companhia. Num segundo momento, após Carlos Rademaker ter completado a sua formação em Roma com o seu antigo P. Provincial, Francisco Pellico, voltará para Portugal, agora com um estatuto diferente. Não ocupará qualquer cargo visível na estrutura da Companhia. É a época das missões por todo o país. É o período da cruzada pela infalibilidade pontifícia, o ataque ao protestantismo, às “novas filosofias”: o socialismo e o positivismo. Acentua-se o carácter ultramontano da sua actuação, nos sermões que prega, na defesa intransigente do Papa Pio IX e do poder temporal da Igreja. Mas a polémica nunca esteve afastada do seu caminho, em 1872 terá de se exilar devido a uma campanha anticlerical cuja violência causou espanto na época.

Durante toda a vida é perceptível a preocupação de Rademaker com os assuntos relacionados com a educação e moral católica. Pedagogo elogiado, esta sua faceta foi reconhecida ao longo da vida em Portugal, pelos seus alunos e correligionários, mas também em Espanha e Itália pela admiração e respeito que alcançou. Há contudo uma faceta que ofusca as demais neste sacerdote: a sua capacidade de orador, de comunicador. Esta qualidade será bem utilizada pela Companhia, realizando o incansável padre centenas de missões de evangelização.

A actividade política do P. Rademaker transparece nas posições assumidas em defesa da Igreja. Nas várias polémicas em que participou - destaque-se a ocorrida em 1857, entre o *Bem Público* e a *Instrução Pública*, recusa-se a fazer profissão de fé num partido, sendo o artigo «A Bandeira Católica» uma manifestação directa desse sentimento, elevando os ideais por que pugna, acima dos partidos. Nos seus escritos advoga as ideias ultramontanas, fazendo na Casa de Loiola em 1868 o quarto voto, o de obediência papal.

Legou-nos várias obras, onde expressa o seu pensamento. Nos sermões pode-se admirar a perenidade dos temas; o apelo aos valores católicos, a defesa da infalibilidade papal, os dogmas da fé. Na poesia de Carlos Rademaker podemos perscrutar os seus sentimentos para com a religião, para com o seu século. A colaboração na imprensa é incerta e diversificada,

na temática abordada. Podemos no entanto destacar as cartas enviadas a vários jornais, onde pela descrição do quotidiano, no comentário dos acontecimentos, em Portugal e no estrangeiro, nos são reveladas as atitudes e as ideias do seu autor.

Num século conturbado, política e ideologicamente, o papel que desempenhou Carlos Rademaker, como sacerdote e como padre jesuíta, inscreve-se numa luta contra a modernidade, contra a sociedade nascida da revolução liberal, a qual subtraía o lugar que a Igreja Católica sentia ter por direito no seio da sociedade. É na confluência das críticas que fez à sociedade: ao individualismo, ao racionalismo, à secularização, que poderemos inscrever a sua atitude, no seio de um catolicismo intransigente português<sup>143</sup>, no espírito de um movimento de recomposição do catolicismo português, iniciado desde meados do século XIX. Carlos Rademaker encontrava-se embuído num espírito de missão, entendido enquanto *empresa* de Deus para uma nova evangelização a qual será a resposta ao contexto de crise. O paradigma de regeneração oitocentista encarnado por Rademaker, algo que Alexandre Herculano apelidou perjurativamente de *neocatolicismo*<sup>144</sup>, significa uma reacção positiva por parte da Igreja para o estabelecimento de uma nova mundividência católica alicerçada no pensamento neotomista<sup>145</sup>.

Carlos Rademaker foi ainda um incorrigível poeta, romântico na forma e místico no conteúdo. A poesia acompanhou-o nas suas eternas deambulações, testemunhando acontecimentos e reflectindo, ao gosto da época, o sentimento do seu autor. Na poesia «O Barco Salvador», alegoria dos votos religiosos, transparece a alma que alimentou o percurso traçado pelo seu autor:

*Quanto o mar é mais cerrado,  
Melhor pesca eu terei,  
Que eu não pesco como os outros (...)  
Salvar gente é meu intento,  
E por isso a todo o vento*

<sup>143</sup> Jean-Marie MAYEUR, «Catholicisme intransigent, catholicisme social, démocratie chrétienne», in *Annales E.S.C.*, Paris, Mars-Avril 1972, pp. 483-499.

<sup>144</sup> Ao longo deste trabalho recorreu-se a este termo em diversos contextos, contudo sempre enquadrado como uma nova expressão no seio da Igreja Católica portuguesa como forma de resposta aos desafios apresentados pelo contexto político, social e religioso.

<sup>145</sup> J. M. da Cruz PONTES, «No centenário da encíclica "Aeterni Patris" de Leão XIII. Primórdios do Renascimento Tomista em Portugal», in *Brotéria*, vol. III, nº 6 Dezembro de 1980, pp. 523-534.

*Largo o pano e sulco o mar;  
Alo a vela, caço a escota,  
Sem receio sigo a rota,  
Porque vou almas salvar!*<sup>146</sup>

## Bibliografia

### Obras de Carlos João Rademaker

#### a) *Opúsculos e Livros*

“Quod Ecclesiae Hostibus profligatis Pius IX Pont. Opt. Max. Roman. Triumphans. Redierit. Camillo de Petro Antistiti. Berithensi. In Lusitania. Sedis Apostolicae. Legato. Ovans. Gratulansque obtulit Auctor” s.l., 5 Maio 1850.

*Poucas palavras de um verdadeiro amigo dedicadas aos jovens estudiosos*, Lisboa, s.d. [1852].

*Breve instrução para os meninos da primeira comunhão*, Lisboa, 1853.

*Método de Vida para um Legionário de Maria Imaculada que deseja cumprir com o seu Regulamento*, Lisboa, 1854.

*Mimo de muito Rev. P. Carlos Rademaker aos meninos portugueses, método muito fácil para ensinar, por meio do canto, as cousas necessárias da doutrina cristã, oferecimento às escolas católicas*, Lisboa, 1854.

«Oração panegírica em honra do Beato João de Brito» in *Amigo da Religião*, Lisboa, nº 97, 29 de Julho de 1854.

*O Triunfo da Igreja Romana na Definição do Dogma da Imaculada Conceição de Maria*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855.

*Discurso da publicação da Bula da Santa Cruzada recitada na igreja de S. Roque em Lisboa no dia 14 de Dezembro de 1856 pelo Padre João Carlos Rademaker oferecido ao excelentíssimo bispo comissário geral D. Sebastião de Lemos*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1857

*Discurso da publicação da Bula da Santa Cruzada recitada na igreja de S. Roque em Lisboa, 13.2.1857*, Lisboa, Imprensa União tipográfica, Rua dos Calafates, 113, 1858.

<sup>146</sup> Poesia de Carlos Rademaker publicada no *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 9, nº 102, 1889, pp. 328-333.

*Discurso fúnebre nas solenes exéquias do Exm<sup>o</sup> Sr. D. Carlos de Mascarenhas no dia trigésimo depois da sua morte*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1861.

*Discurso em aplauso à Definição Dogmática pronunciada pelo Santo Concílio do Vaticano sobre a Infallibilidade do Sumo Pontífice pregado em Lisboa, na paróquia igreja de Nossa Senhora dos Mártires em 18 de Agosto de 1870 diante do excelentíssimo e reverendíssimo senhor Monsenhor Oreglia arcebispo de Damiatina Nuncio Apostólico em Portugal pelo Padre Carlos João Rademaker*, Lisboa, Tipografia Universal, 1870.

*Discurso pronunciado em ocasião das preces publicas na peregrinação ao Monte Sameiro para obter de Deus a restauração da independência do Sumo Pontífice pelo Padre Carlos Rademaker*, Braga, Tipografia Lusitana, 1871.

*A Viuva do Ministro. Episódios sobre a Propaganda Protestante*, Lisboa, 1871 [6ª edição, Lisboa, 1907].

*A Estrela de Alva ou Memórias de uma filha de Maria*, Lisboa, 1871.

*Pio IX, Papa e Rei ou episódios de uma Peregrinação ao Sameiro pelo autor da Viuva do Ministro*, Comissão de S. Luis Gonzaga, Braga, Tipografia Lusitana, 1874.

*Vinte e Cinco por Cento! Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem réplica. Por um que leu a Bíblia*, Vigo, 1879. [com várias edições, foi editado em Portugal na *Semana Religiosa Bracarense* 1ª edição, Braga; no *Progresso Católico*, 2ª edição 1880; 3ª edição 1886, Guimarães; Lisboa, 4ª edição, 1933; 5ª edição, 1941].

«Autobiografia», *o Apóstolo*, Póvoa de Varzim, 1928, pp. 262-275.

#### **b) Colaboração em Revistas e Jornais**

*Amigo da Religião*, Lisboa (1854)

*Atalaia Católica*, Braga (1862)

*Bem Público*, Lisboa (1857-1875)

*Cartas de Poyanne*, Biscaia (1878)

*Comércio do Minho*, Braga (1882)

*Domingo (O)*, Lisboa (1855-1856)

*Estrela d'Alva*, Braga (1871-1874)

*Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, Lisboa (1874-1885)

*Progresso Católico*, Guimarães (1878)

*Semana Religiosa Bracarense*, Braga (1875-1883)

*Voz da Verdade*, Ponta Delgada (1867)

**c) Poesia**

- Estreia Poética – versos a Maria Santíssima*; Lisboa, Imprensa Nacional, 1849.
- O Frade, poesia recitada por ocasião da solene distribuição dos prémios no Colégio Luso-Britânico*, 15.9.1854.
- O órfão de S. Fiel, poesia recitada por ocasião da solene distribuição dos prémios no Colégio Luso-Britânico*, 15.9.1854.
- O Triunfo da Igreja Romana na definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria (ode sáfica)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1855.
- Flores da Saudade*, compilação de poesias de Carlos João Rademaker por Júlio de Moraes, 1928.

**Obras sobre Carlos João Rademaker**

- CARVALHO, A. P. de, «O P. Carlos João Rademaker da Companhia de Jesus» in *Brotéria*, vol. VII, fasc. II, Agosto de 1928, pp. 86-98.
- LEMOS, Maximiano «Padre Carlos João Rademaker» in *Encyclopedia Portuguesa Illustrada. Dicionário Universal*, vol. 9, Porto, Lemos & C<sup>a</sup>, Sucessores, s.d., pág.
- PEREIRA, Cón., *As missões do Pe. Rademaker na ilha de S. Miguel*, 1944-1945.
- PINA, Ambrósio, *Carlos Rademaker, 1828-1885, Restaurador dos Jesuítas em Portugal no Século XIX*, Porto, 1967.
- PIRES, Júlio Augusto, *Carlos João Rademaker. Esboço biográfico*, col. Os Contemporâneos, n<sup>o</sup> 8, Lisboa, 1866-1867.
- “Rademaker, João Carlos”, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 24, Lisboa e Rio de Janeiro, s.d., pp. 210-212.
- SANTO, Joaquim Campo, «O Conselheiro José Basílio Rademaker» in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 20, Lisboa, 1900 e vol. 21, Lisboa, 1901.
- Idem, «Padre Carlos Rademaker» in *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. 21, Lisboa, 1901, p. 278 e ss; vol. 22, 1902, p. 28 e ss, vol.23, 1903, p.30 e ss.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos, “Rademaker, João Carlos”, *Enciclopédia Luso-Brasileira*, vol. 15, col. 1677-1678, s.d.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, *Dicionário Bibliográfico Portuguez*, T. II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, pp. 32-33.

### Bibliografia Geral

- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres, Vol. III, Livraria Civilização, Porto-Lisboa, 1970.
- AZEVEDO, Carlos A. Moreira, «Bula da cruzada» in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Direcção Carlos Moreira Azevedo, vol. A-C, [Lisboa], Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, Circulo de Leitores, 2000, pp. 276-277.
- AZEVEDO, Joaquim, «Esboço de Cronologia da história da Igreja em Portugal (1820-1910)», in *Estudos Contemporâneos*, nº 0, Porto, 1979.
- AZEVEDO, L. G. de, «O Regalismo e a sua evolução em Portugal até ao tempo do P. Francisco Suárez», in *Brotéria*, vol. XXIV, Lisboa, 1937.
- AZEVEDO, Luís Gonzaga de, *O Jesuíta. Fases duma lenda*, t. II, Bruxelas, Tipografia E. Daem, 1913.
- Idem, *Proscritos (Jesuítas na revolução de 1910)*, vol. I, Bruxelas, Tipografia E. Daem, 1914.
- BASTOS, Teixeira, *Os Jesuítas*, Lisboa, António Furtado Editor, 1880.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, *Apologia da História Política. Estudos sobre o século XIX português*, Lisboa, Quetzal Editores, 1999.
- CARDOSO, Manuel Pedro, *História do Protestantismo em Portugal*, Lisboa, Figueira da Foz, Cadernos C.E.R., nº 2, 1985.
- CASIMIRO, Acácio, *Expansão e Actividade da Companhia de Jesus nos domínios de Portugal (1540-1940)*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1941.
- CATROGA, Fernando, «O laicismo e a questão religiosa em Portugal (1865-1911)», in *Análise Social*, Lisboa, Vol. XXXIV (100), 1988, pp.211-273.
- CLEMENTE, Manuel José Macário do Nascimento, *Nas Origens do Apostolado Contemporâneo de Portugal. A Sociedade Católica (1843-1853)*, Braga, Universidade Católica Portuguesa, 1993.
- Idem, «Igreja e sociedade portuguesa do liberalismo à República», *Didaskália*, vol. XXIV, fasc. 1, Lisboa, 1994, pp. 119-129.
- Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*, Cúria Provincial da Companhia de Jesus, Braga, Livraria A. I., 1997.
- CORDEIRO, António da Costa, *Jubileu do Collégio do Barro, 1860-1910*, Braga, 1910.

- Correspondência entre D. Pedro V e Seu Tio, o Príncipe Alberto*, organização, prefácio e notas por Maria Filomena Mónica, Lisboa, Quetzal Editores, 2000.
- COSTA, António Domingues de Sousa COSTA, «Padroado do Oriente», in *Dicionário de História de Portugal*, vol. IV, Porto, Livraria Figueirinhas, 1990, pp. 508-510.
- CRISTÓVÃO, Maria José, «A questão das Irmãs da Caridade », *Estudos de Opinião Pública (1858-1862)*, vol. II, Lisboa, 1972.
- CRUZ, Manuel Braga da, «Os Católicos e a política nos finais do século XIX», in *O Século XIX em Portugal – Comunicações ao colóquio organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais em Novembro de 1979*, Lisboa, Editorial Presença/G.I.S., s/d, pp. 289-299.
- Idem, *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*, Lisboa, Editorial Presença/Gabinete de Investigações Sociais, 1980.
- Idem, «As relações entre a Igreja e o Estado liberal – do “cisma” à Concordata (1832-1848)», *O Liberalismo na Península Ibérica na primeira Metade do Século XIX*, vol. I, Lisboa, 1982.
- DANTE, Francesco, *Storia della “Civiltà Cattolica” (1850-1891). Il Laboratorio del Papa*, Edizione Studium, Roma, 1990.
- DINIZ, Pedro, *Das Ordens Religiosas em Portugal*, Lisboa, Typ. De J. J. A. Silva, 1853.
- ENES, Fernanda, «As polémicas missões dos anos sessenta de oitocentos em São Miguel» in *Congresso Internacional de Missionação portuguesa e encontro de Culturas. Actas, vol. IV – Missionação: Problemática Geral e sociedade Contemporânea*, Braga, 1993.
- FÉLIX, José Maria, *Os Nossos Seminários*, Vila Nova de Famalicão, Tipografia Minerva, 1970.
- FERREIRA, António Matos, «A Igreja na monarquia constitucional. O comportamento da Igreja em face da liquidação do Antigo Regime», in *História de Portugal Contemporâneo*, João Medina (dir.), Lisboa, Multilar, 1990, pp. 273-292.
- Idem, «Questions autour de la répercussion au Portugal (1891-1911) de l'encyclique Rerum Novarum» in *Rerum Novarum, écriture, contenu et réception d'une encyclique*. Actes du colloque international organisé par L'École Française de Rome et le GRECO n°2 du CNRS, 18-20 avril 1991, Roma, École Française de Rome, 1997, pp. 443-464.
- Idem, «Catolicismo», in *Dicionário de História de Portugal*, António Barreto e Maria Filomena Mónica (Coord.), Porto, Livraria Figueirinhas, 1999, pp. 257-269.

- FRANCO, Eduardo e REIS, Bruno Cardoso, «O Padre António Vieira na literatura anti-jesuítica (Sécs. XVIII-XX)», in *Brotéria*, vol. 145, nº 4/5 (Out./Nov.), 1997, pp. 493-522.
- FRIAS, Lesmes, *Historia de la Compañia de Jesus*, tomo II, vol. I (1836-1868), Madrid, 1944.
- GIRALDES, Manuel Nunes, *O Papa-Rei e o Concílio*, Lisboa, Tipografia Universal, 1870.
- GOMES, J. Pinharanda, *Os Congressos Católicos em Portugal. Subsídios para a História da Cultura Católica Portuguesa Contemporânea, 1870-1980*, Lisboa, Secretariado Nacional para o Apostolado dos Leigos, 1984.
- GRAÍNHA, Manuel Borges, *A Propósito do Caso das Trinas. Os Jesuítas e as Congregações Religiosas em Portugal nos Últimos Trinta Anos*, Porto, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1891.
- Idem, *O Portugal Jesuíta*, Lisboa, Tipografia e Sterotipia Moderna, 1913.
- Idem, *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus escrita em Latim pelos Padres do mesmo Colégio onde foi encontrado o Manuscrito*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913.
- GUICHARD, François, «Le Protestantisme au Portugal», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XXVIII, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990
- HERCULANO, Alexandre, *Opúsculos III*, org., intr. e notas de Jorge Custódio e José Manuel Garcia, Porto, Editorial Presença, 1984.
- LACOUTURE, Jean, *Os Jesuítas*, 2º vol., Lisboa, Editorial Estampa, 1993.
- MACEDO, Jorge Borges de, «O anticlericalismo em Portugal no séc. XIX», in *Communio*, ano II, nº 5, 1985, pp. 440-450.
- MATOS, José Afonseca de, «Carta 43ª a um velho português na Ásia», *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, nº 53, vol. 5, 1885, p. 316.
- MAYEUR, Jean-Marie, «Catholicisme intransigent, catholicisme social, démocratie chrétienne», in *Annales E.S.C.*, Paris, Mars-Avril 1972, pp. 483-499.
- MEDINA, João, «Sobre as direitas em Portugal. Do liberalismo ao Estado Novo», Preâmbulo de Emanuel Janes, *Nacionalismo e Nacionalistas na Madeira nos Anos 30, 1928-1938*, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico, 1997, pp. 11-24.

- MONTEIRO, José Leite, *O Ultramontanismo na Instrução Pública de Portugal. Reflexões a Propósito da Manifestação Académica do Dia 8 de Dezembro de 1862*, Coimbra, Imprensa Literária, 1863.
- NETO, Vitor, «A emergência do Estado liberal e as contradições político-ecclesiásticas (1832-1848)», *Revista de História das Ideias*, Porto, vol. VIII, 1988.
- Idem, «O Estado e a Igreja», *História de Portugal* (dir. de José Mattoso), vol. V (coord. Por Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque), Lisboa, Círculo de Leitores, 1993.
- Idem, *O Estado, a Igreja e a Sociedade em Portugal (1832-1911)*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1998.
- OLIVEIRA, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Publicações Europa-América, Men-Martins, s/d [1994].
- PIMENTEL, Alberto, *História do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães, Libanio & Cª, 1900.
- PINA, Ambrósio, *História do Culto do Coração de Jesus em Portugal (1706-1965)*, Porto, s.d.
- PINTO, Silva, *Os Jesuítas. Cartas ao Bispo do Porto*, Porto, Tipografia Oriental, 1877.
- POLICARPO, João F. de Almeida, *O Pensamento Social do Grupo Católico de "A Palavra" (1872-1913)*, Vol. I, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1997; Lisboa, INIC, 1992.
- PONTES, J. M. da Cruz, «No centenário da encíclica "Aeterni Patris" de Leão XIII. Primórdios do Renascimento Tomista em Portugal», in *Brotéria*, vol. III, nº 6 Dezembro de 1980, pp. 523-534.
- PRETO, José Ramos, *Relatório sobre o Extinto Colégio de S. Fiel da Companhia de Jesus*, Lisboa, Tipografia Maurício Cª, 1911.
- REFOIOS, Joaquim Augusto de Sousa, *O Colégio de S. Fiel no Lourçal do Campo e o de Nossa Senhora da Conceição na Covilhã. Apontamentos sobre o jesuitismo no distrito de Castelo Branco*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1883.
- REIS, Bruno Cardoso, «João Carlos Rademaker», in *Dicionário dos Pedagogos*, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (no Prelo).
- RODRIGUES, Francisco, *A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões, Esboço Histórico – Superiores – Colégios – 1540 a 1934*, 2ª ed., Porto, 1935.

RODRIGUES, Manuel Augusto, «Problemática religiosa em Portugal no século XIX, no contexto europeu», *Análise Social*, vol. XVI, nº 61-62, Lisboa, 1980, pp. 407-428.

TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, 2ª edição, Lisboa, Caminho, 1989.